



SEMAGEOUNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013



Anais

JACOBINA-BA / 2013



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH / CAMPUS IV – JACOBINA

Diretor

COLEGIADO DE GEOGRAFIA / CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Coordenador

XI SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNEB CAMPUS IV 2013

COORDENAÇÃO GERAL

Gustavo Franco

COMISSÃO ORGANIZADORA

MONITORIAS



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

SUMÁRIO

DINÂMICA CLIMÁTICA ASSOCIADA À CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM NO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS/BA.....	5
A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA.....	8
PIBID IN LOCO: CONHECENDO E RECONHECENDO O ESPAÇO (ESCOLA E COMUNIDADE) NO MUNICÍPIO DE QUIXABEIRA – BA.....	11
A AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO-APRENDIZAGEM	14
ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	16
A QUESTÃO FUNDIÁRIA NO BRASIL: ORIGEM E MANUTENÇÃO DA CONCENTRAÇÃO DA TERRA E DO PODER POLÍTICO.....	19
EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO-ECOLÓGICO.....	22
MODERNIZAÇÃO NO SETOR AGROPECUÁRIO NO VALE DO SÃO FRANCISCO EM JUAZEIRO NA BAHIA	25
LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: ANÁLISE SOBRE O USO NO ENSINO FUNDAMENTAL II – SERROLÂNDIA/BA	28
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE GEOGRAFIA COMO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	32
O PAPEL DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	34
EROSÃO LINEAR EM ÁREAS DE EXTRAÇÃO DE AGREGADOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM JACOBINA – BAHIA	37
A MODIFICAÇÃO DA PAISAGEM A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DAS HIDRELÉTRICAS PELA CHESF EM GLÓRIA E PAULO AFONSO – BA	41
MEMÓRIA DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UM ESTUDO EM RIO DE CONTAS-REVISITANDO MARVIN HARRIS	45



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	47
PROPOSTA DE ZONEAMENTO GEOAMBIENTAL PARA A BACIA DO RIO ALMADA- BAHIA	53
HISTÓRIA URBANA DA CIDADE DE ILHÉUS.....	55
OFICINA PEDAGÓGICA: INSTRUMENTO FACILITADOR NA APRENDIZAGEM DO CONCEITO DE PAISAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR	58
O PANÓPTICO LÁ DE CASA: O SIGNO DOS QUADROS FOTOGRÁFICOS NO VALE DO SALITRE	60
O PIBID COMO AUXÍLIO NAS AULAS DE CARTOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO	63
CONCEITO DE LUGAR NO ENSINO MÉDIO, COMO ENSINAR?.....	65
A INFRAESTRUTURA URBANA DE ILHÉUS: UMA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL E SOCIAL	67
CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL: ENTRE DISPUTAS E AÇÕES NO ENSINO DA GEOGRAFIA.....	72
AULA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DE ENSINO EM GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	75
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO: SITE DE GEOCIÊNCIA, JACOBINA E REGIÕES, BAHIA.....	78



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

5

**DINÂMICA CLIMÁTICA ASSOCIADA À CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM NO
MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS/BA**

Bismarque Lopes Pinto¹, Jucélia Macedo Pacheco², Vilmara Sousa Silva³.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI, Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI, e-mail: bysmark.lopes@bol.com.br,

² Mestre em Geoquímica, petróleo e meio ambiente pela Universidade Federal da Bahia, Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia – Campus XI, ³ Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI.

Palavras-chave: Clima; Paisagem; Semiárido.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do pensamento Geográfico, vários foram os caminhos percorridos na busca incessante pelo seu objeto de estudo, ou seja, a epistemologia da Geografia. No que concerne a esta discussão ressalta a importância o pensamento de Paul Vidal de La Blache, com a corrente possibilista francesa e a corrente determinista defendida por Alexander Von Humboldt, tais conceitos foram de suma importância para o desenvolvimento da Geografia, bem como sua sistematização enquanto ciência, fato que ocorreu no século XIX, por volta de 1870.

Dentre os objetos de estudo da Geografia, aparece o conceito de paisagem, amplamente discutido, inicialmente baseado nos pensamentos deterministas e possibilistas que dominaram as discussões da ciência na época. A paisagem nesse segmento era concebida apenas por um viés descritivo, memorética característico da ciência tradicional.

Décadas mais tarde, o conceito de paisagem emerge sob a influência da escola soviética que preocupada com a organização territorial, propõe um novo método de análise da paisagem, sob o olhar ecológico que serviu de base para a criação de um novo modelo de estudo da paisagem, a Teoria Geossistêmica.

O município de São Domingos localiza-se no semiárido baiano e mais especificamente no Polígono das Secas. Com isso percebe-se então, uma forte influência dos fatores climáticos atuantes na paisagem, uma vez que, são os fatores do clima que implicam de forma implícita e/ou explicitamente nos demais elementos que compõem a paisagem. É a partir daí que surge o seguinte questionamento que de que maneira o clima atuou e/ou ainda atua na dinâmica paisagística do município de São Domingos/BA.

MATERIAL E MÉTODO

Desde o início das eras geológicas, o clima vem sendo um agente predominante na modelagem das paisagens globais. Diversos teóricos da geografia se propuseram a compreender essa verdadeira influência do clima na dinâmica das paisagens percebendo



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

6

então que durante os diversos períodos geológicos a variação climática era constante e com isso os demais elementos naturais sofriam influência do mesmo e iam evoluindo com o decorrer do tempo. BIGARELLA (2009) em seus estudos destaca essa variação climática como objeto modelador da paisagem, salientando que:

[1] As profundas mudanças climáticas ou as pequenas flutuações do clima desempenharam um papel importante no desenvolvimento da paisagem atual. Estudos realizados nas últimas décadas tem demonstrado, por toda a superfície do globo, extrema instabilidade climática durante o Pleistoceno. (...) Nos últimos anos começa a ganhar vulto a opinião de que nas épocas mais frias do Quaternário, em grande parte das regiões subtropicais e tropicais, teria ocorrido uma diminuição sensível da pluviosidade ou modificação da distribuição das chuvas, generalizando-se condições de semi-aridez e mesmo aridez, enquanto as épocas úmidas corresponderiam aos interglaciais. (BIGARELLA, 2009, p. 83 e 84).

A paisagem que nos deparamos no nosso cotidiano nada mais é do que o processo dinâmico de uma série de ações climáticas e dentre outras ações naturais e antrópica que foram construindo esse mosaico paisagístico global. Voltando-se para uma escala micro de análise da paisagem, analisaremos a paisagem do município de São Domingos. O mesmo é uma unidade administrativa do estado da Bahia onde se situa a latitude de 11°27'56" ao sul e a uma longitude de 39°31'34" a oeste.

Segundo a classificação da Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos – SEI, o município possui o clima semiárido de característica seca e quente, com índices pluviométricos abaixo de 600 mm/ano. Essa característica climática não é recente e não está centrada no município por acaso, pois o mesmo está inserido no Polígono das Secas no qual compreende como território sujeito a períodos críticos de prolongadas estiagens que se localiza dentro do domínio morfoclimático da caatinga.

Como procedimentos metodológicos foram feitas revisão de literatura a cerca do tema abordado na pesquisa assim como ida a campo onde foram analisadas superficialmente a influência da dinâmica climática na evolução dos elementos que constituem a paisagem do município lócus do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A formação geomorfológica é um dos elementos onde fica-se mais visível a atuação constante do clima. o município de São Domingos é composto de Depressão Periférica (SEI). Esse tipo de formação estrutural também conhecida como uma unidade de relevo dentro da formação do Pediplano Sertanejo, uma vez que, esse tipo de formação é compreendido como uma formação de aplainamento extensivo ocasionado pelos desgastes de antigas formações. AB'SÁBER (1998) também contribui para a compreensão das formações aplainadas e enfatiza a influência do clima para a construção da mesma:

[2] (...) a macrocompartimentação geral do planalto brasileiro foi completada no Terciário Superior, processando-se daí por diante, em pleno quaternário, a remodelação do detalhe, realizada por pequenas retomadas da erosão linear, alternadas com retorno da pedimentação e por terraçamento e fases de aluviação. Estamos absolutamente convencidos de que até o Plioceno Superior a paisagem dos compartimentos interiores do país ainda era muito homogênea, mesmo em relação a áreas relativamente afastadas entre si e que, em contrapartida, no decorrer do Quaternário, devido às rápidas flutuações climáticas e eustáticas, processou-se uma modelagem complexa e



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

7

altamente diferenciada, que criou os quadros menores de relevo e de estrutura de paisagem e de solos, hoje observáveis nas mais diversas depressões periféricas e nos compartimentos interiores, herdados das aplainações dos fins do Terciário. Tanto os baixos chapadões e colinas da depressão periférica paulista, como as coxilhas mamelonares do interior do Rio Grande ou, ainda, as suaves colinas de solos rasos e frágeis do Nordeste semiárido. (...) (AB'SÁBER, 1998, p. 60 e 61).

Assim, o clima no período do Terciário Superior ao Quaternário teve uma função crucial na formação das depressões periféricas, ocasionando uma série de oscilações que fragilizaram as antigas formas fazendo-o desgastar através dos processos intempéricos até chegar as formação atual, permanecendo na paisagem formas residuais de pequenos modelados como morros e morrotes.

A vegetação do município de São Domingos está inserido dentro do domínio da caatinga, considerando que segundo a SEI (2012), o mesmo apresenta-se como o bioma de caatinga arbórea. Entretanto, devido as ações antrópica a vegetação encontra-se em sua maioria secundária. Quando frisamos a dinâmica climática associada a formação do solo, Palmieri e Larach (2011) salientam que:

[3] O solo sendo um corpo dinâmico e de importante atuação na configuração da paisagem não que também não deixa de sofrer influência do clima, além do mais, o mesmo é um dos elementos principais na sua formação, pois o clima, associado aos organismos, atua sobre as rochas produzindo os materiais que irão dar origem aos solos. O efeito do clima, através de variáveis como precipitação, temperatura e umidade, pode ser considerado o mais importante agente na manifestação das expressões das propriedades dos solos (...)” (PALMIERI & LARACH, 2011, p. 81 e 82).

Pela junção dos elementos naturais existentes, o solo do município de São Domingos segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA (1973) são classificados como Neossolo Regolítico Eutrófico, Neossolo Litólico Eutrófico e Planossolo Háplico Eutrófico Solódico. Ao identificarmos os tipos de solos predominantes no município, conseguimos visualizar a influência direta do clima na formação dos solos. Os do tipo Neossolo e Planossolo têm como característica ser pouco espesso justamente pela ausência do intemperismo químico, e em muitos casos, pode-se encontrar nos horizontes superficiais a presença de materiais da rocha matriz ainda não intemperizado quimicamente, já que por conta da ausência de precipitação em abundância o intemperismo químico é pouco atuante na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi esboçado, pode-se dizer que fica visível que o clima é um dos elementos fundamentais na construção de qualquer paisagem regional. Contudo, suas ações não podem ser detectadas tão facilmente em uma escala temporal até porque o clima assim como todo elemento natural segue o tempo geológico. O que foi expresso nessa pesquisa é apenas uma análise superficial dos efeitos do clima na evolução dos elementos que constituem a paisagem, visto que para uma melhor análise que pudesse comprovar essa atuação do clima na paisagem necessitaria de um estudo mais avançado com análises físico-químico do solo e entre outras coletagens para análises laboratoriais específicas.

Em suma, o clima sempre atuará de uma forma ou de outra para a construção e modelagem de um relevo, reestruturação de um bioma ou de criação de um solo. Cabe a nós sabermos



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

8

olhar a paisagem não só através da ótica descritiva, mas sim numa perspectiva holística capaz de enxergar em cada formação a contribuição do clima.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. Participação das depressões periféricas e superfícies aplainadas na compartimentação do planalto brasileiro – considerações finais e conclusões. *Revista IG*. V. 19, p. 51-69, 1998.

BIGARELLA, J. J. *Estrutura e Origem das paisagens tropicais e subtropicais*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2009. 83-84p.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. *Mapa de Reconhecimento de solo do município de São Domingos/BA*. 1973. Disponível em: <http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.php?link=ba> Acesso em: 18 nov. 2011.

PALMIERI, F.; LARACH, J. O. I. Pedologia e Geomorfologia In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. da. *Geomorfologia e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011. p. 81-82.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS SOCIAIS E ECONÔMICOS – SEI. Disponível em: www.sei.ba.gov.br/. Acesso em: 17 nov. 2012.

A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA

Bruna Cordeiro Saldanha¹ Humberto Cordeiro Araújo Maia²

¹ Estudante do curso de Licenciatura plena em Geografia – Universidade do Estado da Bahia / UNEB. E-mail: brunasaldanha1@hotmail.com. ² Estudante do Curso de Licenciatura plena em Geografia – Universidade do Estado da Bahia / UNEB. E-mail: betumaia2@hotmail.com

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado, Teoria e Prática, Geografia.

INTRODUÇÃO

O trabalho docente constitui como importante subsidio na formação ética e social dos alunos, afinal, além do papel de mediador, o professor tem a possibilidade de preparar os educandos a se tornarem cidadãos ativos e críticos. Por isso é fundamental que exista um estudo teórico



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

9

e prático antes da efetivação da profissão. O presente resumo objetiva discutir a importância da aplicabilidade da teoria concomitante à prática na formação de professores no curso de geografia e aclarar o papel do estágio supervisionado na consolidação da formação em licenciatura.

O referido trabalho é resultado das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado III, aplicados no Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda (COMUJA), realizado entre junho e agosto de 2012 da II unidade do ano letivo. Os procedimentos metodológicos adotados durante o período de regência foram aplicados a partir de leituras constantes acerca “Espaço geográfico: localização e representação”, tema tratado durante a unidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi de cunho prático e teórico e de avaliação qualitativa. Segundo Luckesi (1996), a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre seu trabalho.

Para a construção do relatório foi utilizado de referencial teórico e levantamento bibliográfico sobre a contribuição do estágio supervisionado na formação do docente de geografia. Durante o período de regência foram trabalhados diversos instrumentos metodológicos para ministrar as aulas, sendo estes: Tabelas de coordenadas geográficas, para que os alunos pudessem participar de forma direta na aula; mapas para pintura para que desenvolvessem a habilidade de criar as legendas nos mapas; mapa-múndi, barbante e fita métrica para dinamizar as aulas sobre escala cartográfica, etc. Segundo Neira (2010) a aprendizagem pode ser vista como uma construção pessoal que cada aluno realiza graças à ajuda recebida de outras pessoas em meio a um determinado contexto cultural. A dinamização das aulas proporciona um maior interesse por parte dos alunos, pois, é importante que ele participe como sujeito ativo do processo de aprendizagem, sendo estimulado a sistematizar as experiências e conhecimentos em sala.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estágio na formação docente é parte fundamental no curso acadêmico, pois o mesmo se torna imprescindível por propiciar uma relação teoria/prática, permitindo um contato mais direto com a atividade educativa. Por isso, deve ser analisado como instrumento essencial no processo de formação profissional de professores. É através dele que se tem a possibilidade de aplicar simultaneamente, a teoria acadêmica, com a prática docente no processo de estágio. No decorrer da prática podem ser analisadas as experiências adquiridas pela teoria e relacionar no momento da prática, essa relação é contínua, pois a cada dia a prática pode ser apurada através dos embasamentos teórico-metodológicos.

A relação teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem particularmente revolucionária; teórica na medida em que essa relação é consciente. (VASQUEZ, 1968, p. 117)



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

10

O mesmo possibilita tanto aluno como estagiários, condições para levantar suposições, examiná-las, renunciá-las e abandoná-las quando necessário, adquirindo práticas claras e que auxiliem como fio condutor reflexivo no momento que ele esteja em sala de aula. O objetivo é que através de situações reais o estagiário tenha a conscientização do enfrentamento do mundo do trabalho, com o qual o licenciando irá se deparar.

O desafio a que se propõem estes professores é pensar a sua própria prática e exercitar a sua função docente para além do compromisso funcional a que se habilitam com a titulação de licenciados em geografia. E nos mostram que é possível fazer diferente da monotonia que se implantou nas escolas de um modo geral e da geografia particularmente. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 08).

Outro fator muito importante a ser analisado pelos estagiários é perceber que uma das grandes dificuldades do ensino é o fato do aluno não conseguir relacionar aquele assunto à sua realidade. Por isso, deve ser visto como uma construção pessoal, pois cada aluno tem seu contexto sociocultural, ou seja, não se deve universalizar uma única metodologia para diferentes escolas. Por isso a contextualização do conteúdo científico com o conhecimento do senso-comum favorece a motivação dos alunos fazendo com que os mesmos se empenhem mais quando as realidades cotidianas são sistematizadas com os conteúdos didáticos. É importante voltar-se para a prática social dos alunos, sua escolarização e sua relação com o saber geográfico, com essa sistematização o aluno pode ter a possibilidade de vivenciar os conceitos explorados, vinculando aos estudos do meio, além de analisar sua realidade local, o que lhe auxilia no entendimento do espaço geográfico físico-social. É interessante que seja despertada nos alunos a capacidade de visualizar a geografia como algo importante e que está constantemente na vivência cotidiana. Além de conceber a utilidade da geografia como fator fundamental na formação da cidadania onde a mesma se encontra intrínseca nas relações sociedade e natureza, desde a escala local até a global. Conforme Straforini (2006), O aluno deve ser inserido dentro daquilo que está sendo estudado, proporcionando a compreensão que ele é um participante ativo da produção do espaço geográfico.

CONCLUSÕES

Durante o período de regência foi importante perceber que o professor enquanto um educador precisa ter uma motivação continua durante o processo de ensino-aprendizagem para que consiga enfrentar com destreza os mais variados desafios. Sobretudo ao ensinar geografia, o estagiário-educador, bem como o profissional docente deve estar preparado para aplicar essa pedagogia social, além de articular as atividades propostas com a realidade do educando, pois é através da contextualização que o educando adquire uma maior capacidade de relacionar os assuntos a sua vivência.

De fato, estagiar não é uma tarefa fácil, exige determinação e paciência para que seja desenvolvido um bom trabalho e tenha um resultado eficaz. Para tanto, foi muito importante sistematizar os conteúdos trabalhados com a realidade cotidiana do educando. Isso facilitou que no processo de ensino-aprendizagem ocorresse uma participação direta dos alunos nas aulas ministradas.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

11

REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **“Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade”**.

LUCKESI, Cipriano Carlos, **Avaliação da aprendizagem escolar**, São Paulo, Cortez Editora, 1996

NEIRA, Marcos Garcia. **Por Dentro da Sala de Aula**. São Paulo: Phorte, 2010

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2º Ed.

São Paulo: Annablume, 2006.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. p. 117.

PIBID IN LOCO: CONHECENDO E RECONHECENDO O ESPAÇO (ESCOLA E COMUNIDADE) NO MUNICÍPIO DE QUIXABEIRA – BA

Caterine Cardoso dos Santos

Graduanda o curso de licenciatura plena em Geografia na Universidade do Estado da Bahia. Bolsista do programa de iniciação a docência – PIBID catecardoso@hotmail.com

Palavra-Chave: História de Quixabeira; Localização geográfica e Contradições sócio-espaciais e PIBID.

METODOLOGIA

Com a pretensão de promover uma discussão acerca da relação entre o espaço geográfico e a comunidade escolar de Quixabeira-Ba, foram realizadas levantamento de dados e pesquisas bibliográficas, como referência utilizou-se, portanto a autora Ana Fani Alessandri Carlos.

INTRODUÇÃO

O presente relatório é resultado da aula de campo realizada em Quixabeira-Ba, no dia 14 de setembro de 2012, atividade integrante do Plano de Ação, do Programa Institucional De Bolsa de Iniciação a Docência (Pibid). O trabalho de campo foi ministrado pela supervisora



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

12

Auxiliadora Valois e teve como objetivo observar e discutir, in loco, o espaço físico da escola; formação histórica da cidade; os aspectos arquitetônicos das residências da praça; aspectos econômicos; a feira como espaço de socialização e difusão de culturas locais; a importância da comercialização bovina; concentração comercial; fluxos de pessoas; paisagem urbana e outros. E através destes aspectos deve-se desenvolver um olhar geográfico sobre a escola e a cidade de Quixabeira.

Segundo Carlos (1994):

A paisagem aparece como um “instantâneo”, registro de um momento determinado, datado no calendário. Enquanto manifestação formal, tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial: aquela do aparente, do imediatamente perceptível, representação, dimensão do real que cabe intuir. (CARLOS, 1994, p. 35)

A paisagem urbana é fruto da manifestação do processo de produção do espaço urbano, imediatamente perceptível e historicamente concreta.

Emancipado em 14 de junho de 1989, o município de Quixabeira está localizado na região Centro Norte do Estado. Atualmente possui 9.554 habitantes, segundo a estimativa do censo do IBGE, realizado em 2012.

Quixabeira faz divisa com outros cinco municípios: Jacobina, Capim Grosso, São José do Jacupé, Varzea da Roça e Serrolândia, de quem foi desmembrada. O município, além da sede possui seis povoados e um distrito: Alto do Capim, Baixa Grande, Campo Verde, Cova do Anjo, Ramal e Varzea do Canto; Jaboticaba é o único distrito de Quixabeira.

Sua economia está voltada para a agricultura de subsistência, pecuária e comércio local.

Seguindo o roteiro inicialmente conhecemos o espaço físico e os funcionários da Escola Estadual de Quixabeira, na qual se desenvolveram as atividades.

Em seguida contou-se com a colaboração do Senhor Adalberto Lima, presidente da Associação Comunitária Cultural de Quixabeira, que relatou sobre a formação histórica do município.

O Senhor Adalberto Lima, relatou que antigamente o município era uma pequena fazenda chamada Lagoa das Quixabeiras, que possuía em seu entorno muitas árvores de Quixabeira, planta muito conhecida da região. Certo dia o Senhor Manoel Sebastião Rodrigues, propôs aos moradores da fazenda fazer uma feira livre para o lugar se tornar povoado. Assim, em 21 de abril de 1943 num domingo de páscoa, foi realizada na praça da matriz à sombra do umbuzeiro, onde eram comercializados vários produtos, a partir daí, atraídas pelo capital, várias pessoas começaram a migrar para o povoado.

Assim, a cidade apresenta-se como fenômeno concentrado e contraditório, fundamentando numa complexa divisão espacial do trabalho; uma aglomeração que tem em vista o processo de produção norteado pelo trabalho assalariado, pela socialização do trabalho, pela concentração dos meios de produção e pela apropriação privada. (CARLOS, 1994, p. 35)



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

13

As primeiras casas foram sendo construídas e logo à vila era formada. As construções fazem parte da paisagem histórica da cidade, pois segundo Carlos (1994), “podemos também perceber que essas construções não são iguais do ponto de vista arquitetônico, datam de tempos diferentes. [...] a dimensão de vários tempos está impregnada na paisagem da cidade”.

No final da década de 70, o então vereador senhor Raulindo de Araújo Rios, apresentou um projeto na Câmara de Vereadores de Serrolândia, com o objetivo de emancipar o povoado de Quixabeira e em 14 de junho de 1989, quixabeira é desmembrada de Serrolândia e torna-se município.

Durante a aula de campo o Senhor Adalberto relatou que na cidade existem bairros, onde as construções são mais estruturadas, por essa razão os terrenos são mais caros. E em outros bairros em virtude das edificações serem mais inferiores, o valor dos terrenos é mais acessível.

Com isso, percebemos as desigualdades e contradições propiciadas pelas diferenças na paisagem, que originam ao desenvolvimento de uma cidade dentro de outra cidade, sem articulação entre si.

Na realidade, cabe pensarmos as diferenças expressas na paisagem enquanto manifestação das contradições que estão no cerne do processo de produção do espaço. A cidade diferencia-se por bairros, alguns em extremo processo de mudança, mas cada bairro isoladamente impede o entendimento da cidade em sua multiplicidade, em sua unidade. (CARLOS, 1994, p. 36)

As desigualdades produzidas no espaço urbano através do capital podem ser observadas nos arranjos dos bairros e movimentação das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças na paisagem só podem ser explicadas, a partir da análise das contradições ligadas ao processo de construção da cidade. Percebe-se que as manifestações sociais, econômicas, políticas e culturais foram importantes para a construção da cidade de Quixabeira.

REFÊRENCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. Contexto: São Paulo. 1994.

Site: www.ibge.gov.br , acesso em 15 de setembro de 2012.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

14

A AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO-APRENDIZAGEM

Darlan da Conceição Neves¹, Luana Reis de Andrade², Tereza Genoveva Nascimento Torezani Fontes

¹Graduando do V semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – BA, e-mail: darlan.geo@hotmail.com, ²Graduanda do V semestre do curso de bacharel em Geografia da Estadual de Santa Cruz – BA,, Tereza

Palavras-chave: transposição didática, ensino escolar geográfico, aula prática

INTRODUÇÃO

O conhecimento escolar geográfico há muito tempo tem se caracterizado por um estudo desinteressante, decorativo e sem valor prático. Devido aos movimentos sociais a partir da década de 1980, com a abertura a um novo momento democrático no Brasil, foram reformuladas as bases quanto ao ensino de Geografia, que passa de um aprendizado que visava à memorização para um aprendizado mais crítico e participativo. Para que o aluno participe da construção de seu conhecimento escolar geográfico, adotamos a aula de campo, como prática pedagógica para auxiliar nessa construção. Segundo LACOSTE (1988), cada pessoa deve conhecer o espaço para poder atuar sobre ele, e a construção do conhecimento geográfico necessário para uma correta leitura de mundo, perpassa pela participação ativa do aluno, enquanto ator e construtor de seu conhecimento, mediado pelo professor (ALMEIDA, 1994). Para CORREA (1999), existem quatro agentes que modificam o espaço geográfico, a saber: o Estado, com suas políticas de incentivo fiscais, os excluídos, que é a população marginalizada, os agentes imobiliários e os donos de terras, que podem está tanto no espaço urbano como no espaço rural. Assim, dentro dessa complexa estrutura, está o aluno, inserido em um mundo em constante mudança.

MATERIAL E MÉTODOS

É dentro desta proposta metodológica que se baseia esse trabalho, utilizando-se da aula de campo como ferramenta de grande valia e necessária nas aulas de Geografia na educação básica, bem como produção textual para aferição de apreensão de conteúdos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Visto que a ciência geográfica visa analisar o dinamismo do espaço geográfico, que é o produto das relações sociais, a aula de campo fomenta e vem contribuir para a prática docente na transposição pedagógica do conhecimento científico para o escolar, aproveitando-se da percepção do aluno, no que concerne ao desvelamento da realidade por meio da paisagem e



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

15

do lugar que são onde as ações sociais se desfecham. Para isso faz-se fundamental a inserção da aula de campo como prática pedagógica constante nas aulas de Geografia, pois as diversas áreas do conhecimento utilizam-se do trabalho de campo como ferramenta metodológica, com o propósito de despertar nos alunos a capacidade de observar, analisar e interpretar os fenômenos no espaço vivido. Na ciência geográfica, a aula de campo foi bastante empregada por Alexander Von Humboldt, um dos pais da Geografia em suas viagens, a fim de compreender a dinâmica do espaço geográfico explorado através da descrição, análise, comparação e interpretação dos fenômenos observados. A Pedologia, Geografia Urbana, Climatologia, Geografia Econômica e Geomorfologia são algumas das muitas áreas especializadas da Geografia que se utiliza dessa metodologia, que tem sido aprimorado ao longo dos anos para contemplar os fenômenos que serão investigados e a profundidade com que serão abordados em cada área do conhecimento geográfico. O termo “Trabalho de Campo” é mais utilizado para denominar a observação e análise dos fenômenos *in loco*, porém alguns outros autores utilizam outras expressões como, o estudo do meio, excursão geográfica, prática de campo, entre outros. Nesse aspecto, no âmbito escolar NEVES *apud* SILVA (2010) ao dizer que: “[...] o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes da sala de aula, através da concretização de experiências que promovem a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão, crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar [...]” (p. 20,21). Para uma boa prática de campo é necessário que o professor planeje a mesma, listando seus objetivos, as necessidades e condições da turma, evitando o improviso, fazendo com que o trabalho de campo seja sempre uma atividade intencional; daí, tem-se assim, a viabilidade que a aula de campo pode proporcionar para o conhecimento geográfico escolar. Descrevendo o relato da atividade de campo, o objetivo é mostrar aos alunos que através da paisagem eles podem construir o conhecimento necessário para terem uma leitura de mundo, a partir percepção do espaço ao qual estão inseridos. Para início da aula, com saída a partir do Colégio Estadual Dona Amélia Amado, no município de Itabuna-Ba, com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II. Prosseguindo pela cidade, os alunos foram conduzidos a olhar as diferentes paisagens que compõem o espaço urbano, para perceberem quem são os atores que o constrói, as diferentes realidades, no reflexo da paisagem; contrastes e conjuntos que estão no mesmo espaço. Foram identificados alguns objetos fixos espaciais, quais sejam: o *shopping*, o comércio variado do centro da cidade, alguns dos bairros localizados na zona periférica, a franja urbana de Itabuna, que está em processo acelerado de crescimento com seus condomínios de luxo e supermercados atacadistas implantados no local; as áreas habitadas pela população de renda *per capita* baixa, com sua apropriação do solo de baixo custo, principalmente nos bairros localizados na zona periférica e o fluxo que ocorre diariamente derivado das atividades intra-urbanas da cidade. Em direção a Ilhéus, pela Rodovia Jorge Amado, os alunos reconheceram os elementos da paisagem natural, conteúdos que foram trabalhados em sala de aula, quais sejam: mares de morros, mostrando toda a morfologia estruturante; perfis de solos, e sua aplicação nos processos agrícolas, encostas ocupadas pelo homem, que mostra a ocupação do solo desordenadamente, o movimento pendular em toda a rodovia etc. Esses conteúdos foram trazidos para a realidade deles, pois ainda são neófitos no campo da abstração, para que esse conhecimento pudesse ter valor escolar e sentido real. Ao chegarmos à área urbana do município de Ilhéus, os alunos perceberam a diferença e semelhança urbanas dos dois municípios: a relação entre os elementos constituintes da paisagem, que elevam Ilhéus e Itabuna juntas, à categoria de aglomeração urbana; a localização do sítio urbano nos mares de morros, que é a geomorfologia local, a interação do homem – meio e a ocupação do solo urbano. Para efeito de avaliação do método utilizado, estabeleceu-se um diálogo sobre o trabalho de campo com os alunos, sobre a percepção



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

16

deles para a comprovação dos conteúdos geográficos trabalhados em sala de aula, e uma posterior produção textual, com o que lhes foram mostrados no campo. Como resultado, os alunos identificaram os conceitos geográficos.

CONCLUSÃO

O ensino de Geografia, com a introdução da aula prática no campo, possui grande viabilidade, no que concerne ao ensino-aprendizagem. Identificamos que os alunos se sentiram satisfeitos com a aula e que aprenderam muito mais ao saírem da sala de aula, visto que foi algo novo e diferente do que estavam acostumados a fazer. Desta forma, essa prática veio fomentar a construção de seu conhecimento, à medida que, eles mesmos, puderam identificar os elementos geográficos na paisagem que está inserida no local de vivência deles próprios, aproximando-os mais da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- [2] CORREA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4. ed. São Paulo: Atica, 1999.
- [3] LACOSTE, Yves. *A geografia - isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*. São Paulo: Papirus, 1988.
- [4] NEVES, Karina Fernanda T. V. *Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica*. Ilhéus, BA: Editus, 2010.

ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Dhione Andrade Figueredo⁽¹⁾, Quele Oliveira de Jesus⁽²⁾

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID/CAPES, integrante do [Núcleo de Estudos Geográficos - NEG](mailto:dhionegeo@hotmail.com) – UNEB, dhionegeo@hotmail.com. ² Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID/CAPES. Professora de Geografia do Colégio Oásis de Jacobina – BA, integrante do [Núcleo de Estudos Geográficos - NEG](mailto:quelephn@hotmail.com) - UNEB. quelephn@hotmail.com



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

17

Palavras-chave: Diversidade Sexual; Ensino; Geografia.

INTRODUÇÃO

Em um momento histórico marcado por conquistas e pela disseminação de ideias e práticas não heterossexuais, opondo-se ao acirramento de posturas homofóbicas, torna-se ultrapassada a discussão em sala de aula de Orientação Sexual apenas com o estudo da reprodução humana, enfocando o aspecto biológico, características fisiológicas e genéticas, considerando a sexualidade apenas como algo natural.

Dessa forma, torna-se relevante a discussão sobre as dimensões sociais, políticas e culturais da sexualidade, além de considerar a notável disseminação da diversidade sexual e como estas discussões podem ser inseridas nas aulas de geografia, assumindo um caráter social, possibilitando através de uma metodologia reflexiva que o aluno reflita sobre valores sociais e pessoais, e possivelmente abandone posturas discriminatórias, formando assim cidadãos que saibam respeitar a diversidade de posicionamentos.

Nota-se uma grande preocupação com a discussão desses temas relacionados à orientação e diversidade sexual ao analisarmos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), onde um dos Temas Transversais é justamente Orientação Sexual, o qual orienta para práticas pedagógicas interdisciplinares que fomentem o debate e a reflexão, tornando o ambiente escolar acolhedor e pautadas no respeito às diferenças.

Para isso, optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, através da transversalidade, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho. Ao se apresentarem os conteúdos de Orientação Sexual, serão explicitadas as articulações mais evidentes de cada bloco de conteúdo com as diversas áreas. ^[1] (PCN, 1997, p.307)

Diante da ideia de realização de projetos interdisciplinares, e sendo a geografia uma disciplina social, torna-se relevante a discussão dessa temática durante as aulas, como também se torna indispensável refletir sobre a preparação do profissional para realizar aulas envolvendo esses temas considerados polêmicos.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho será desenvolvido através um estudo teórico, baseado em revisão bibliográfica, discutindo o tema transversal orientação sexual que integra os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), além de propor alternativas que tornem essas discussões, consideradas um tanto polêmica, mais aceita no âmbito escolar. Busca-se também tecer algumas considerações sobre a importância de preparação dos professores, em especial de geografia, para introduzirem em suas aulas discussões acerca dessa temática, contemplando a formação de cidadãos que saibam respeitar a decisão do outro, mesmo esta não condizendo com o que você prega como correto.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

18

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dessa revisão bibliográfica, realiza-se inicialmente uma discussão fundamentada em Louro (2000) quanto à construção da identidade sexual tendo como principal referência o corpo, que biológico, social, político e cultural, constitui os sujeitos.

Partindo do pressuposto de que a escola mesmo sendo um ambiente de formação de identidades, tenta adiar as discussões sobre sexualidade, realiza-se uma discussão quanto às pedagogias sexuais no ambiente escolar. e Louro afirma que o lugar do conhecimento, mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância.”^[2] (2000, p. 21).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem a formação do professor preparando-o para realizar discussões sobre esses temas considerados complexos, além de valorizarem as práticas interdisciplinares como metodologia essencial para fomentar a discussão acerca da orientação e diversidade sexual. Dessa forma, inclui-se a discussão sobre como a geografia pode contribuir para a formação cidadã.

CONCLUSÕES

Diante do que foi exposto, torna-se de extrema importância discutir como a escola e principalmente o professor deve se posicionar diante das constantes modificações que acontecem socialmente. Tendo como enfoque da discussão de diversidade e orientação sexual na disciplina de geografia, concluímos que deve contribuir intensificamente nas discussões, proporcionando a partir de debates e trabalhos interdisciplinares a construção de uma identidade sexual, além da percepção e consideração da existência de diferenças, o que caminhará rumo a formação de um cidadão que tenha capacidade de valorização e respeito às diversas opções, dentre elas as sexuais.

Observa-se também que contendo nos Parâmetros Curriculares Nacionais proposições que defendam a inclusão do Tema Transversal Orientação Sexual nos debates realizados nas aulas, essa prática ainda é muito restrita, apresentando uma defasagem, tornando-se dessa forma essencial a formação dos professores para torna-los aptos a realizar discussões à cerca dessa temática, sanando as inquietações e despidendo os próprios de uma série de concepções que acabam sendo impostas em suas posturas durante as aulas.

Diante disso, acrescenta-se ainda que as aulas de geografia podem proporcionar oportunidades de debates que visem considerar a sexualidade e a diversidade sexual nos âmbitos políticos, sociais e culturais, trazendo mudanças de postura, tanto por parte dos professores quanto dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas transversais para o Ensino Fundamental*. Brasília/Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1997.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

19

LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

**A QUESTÃO FUNDIÁRIA NO BRASIL: ORIGEM E MANUTENÇÃO DA
CONCENTRAÇÃO DA TERRA E DO PODER POLÍTICO**

Edilson Reis Matos¹⁾, Gení Ferreira Alves⁽²⁾, José Hamilton Pereira de Queiroz⁽³⁾ Leandro Cruz dos Santos⁽⁴⁾ & Luiz Rogério de Lima Macedo⁽⁵⁾

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia- Campus XI; ² Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia - Campus XI, e-mail: F_geni@yahoo.com ; ³ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia- Campus XI e ⁴ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela da Universidade do Estado da Bahia- Campus XI; ⁵ Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia- Campus XI.

Palavras-chave: latifúndio; estado; período colonial.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar o processo histórico responsável pela origem dos grandes latifúndios no Brasil, bem como a manutenção e concentração de terras e as ações políticas que sustentaram e ainda sustentam esse modelo agrário. Aborda a gênese da questão agrária no Brasil, a partir do contexto histórico da distribuição da terra no Período Colonial. Traz dessa maneira uma análise da concentração do poder e da renda e como se configura as políticas públicas para os envolvidos na/pela terra. Debateremos a atuação do Estado nos diversos governos que se instauraram até hoje, e as ações desenvolvidas por estes para que a reforma agrária de fato aconteça. Por fim trazemos os movimentos sociais que se construíram a partir das lacunas oriundas pela não efetivação do direito a terra e os conflitos existentes entre estes, o Estado e os latifundiários.

MATERIAL E MÉTODOS

Com base em pesquisas centradas na história da colonização deste país, em documentos e estudos teóricos, encontramos a resposta para questões levantadas acerca deste tema. Assim, retroagimos no tempo, indo ao período da colonização brasileira, para entendermos a questão latifundiária, a concentração e privatização de terras nos nossos dias, pois é no



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

20

passado que se encontram as respostas para a origem e concentração de terras da atualidade no Brasil pelas elites. É em sua história que está à raiz amarga da má distribuição de terras e concentração latifundiária.

As grandes propriedades privadas que atendem ao capital nacional e internacional no Brasil, visando apenas o lado econômico e financeiro dos grupos dominantes, não surgiram de uma hora para outra, e nem tão pouco surgiram da ação de particulares. Ao contrário, este estudo mostrará que o Estado luso-brasileiro está por detrás delas e foram os responsáveis por suas origens em um processo histórico de ocupação, desocupação nativa e são marcas constantes do desenvolvimento e do processo de ocupação do país, portanto, não temos como explicar a origem e manutenção das terras brasileiras sem recorrermos ao processo histórico de colonização do Brasil.

Abordaremos também, o suporte político dado pelo Estado luso-brasileiro aos grandes latifundiários, o que colaborou, ou melhor, promoveu a privatização de extensas áreas de terras, concentrando-as nas mãos de poucos e deixando a grande maioria dos brasileiros sem direito a um palmo de chão para cultivar. Isso levou à permanência até os dias atuais da concentração de terras, dos latifúndios, da privatização de território brasileiro, visando atender, como já mencionado o capital nacional e internacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A origem latifundiária no Brasil está atrelada ao contexto histórico de sua colonização. A princípio, antes de 1500, o território brasileiro era habitado aproximadamente por cinco milhões de pessoas, aglutinadas em mais de 200 povos indígenas, com território, cultura e hábitos diferentes. A propriedade do solo não era privada. A terra era um bem natural utilizado coletivamente por todos os membros dos diferentes povos.

Com a chegada dos europeus (colonizadores) esse modo de conceber a terra mudou, pois o objetivo da colonização era se apoderar dos bens existentes, especialmente a terra e os recursos naturais. Assim, surgiram os conflitos, as lutas, que se estabeleceram pela força da pólvora e do controle ideológico da religião, Portugal começou a gerir, administrar os bens da natureza e a sociedade indígena segundo as suas leis.

É evidente, que os grandes latifúndios brasileiros atuais tiveram suas origens na má distribuição de terras feita pela Coroa portuguesa, na exploração dos bens naturais, na escravidão e na forma de agricultura de exportação implantada em nosso país pelos colonizadores europeus.

Portanto, o germe do latifúndio no Brasil está em sua história de colonização. As grandes propriedades privadas concentradas nas mãos das elites atuais vêm de um processo histórico de cerca de 500 anos atrás. Elas são frutos da má distribuição de terras feita pela Coroa portuguesa, a qual beneficiou os seus aliados e protegidos no processo de ocupação e exploração do território brasileiro, e mantidas pelos sucessivos governos brasileiros mediante leis que beneficiavam e ainda beneficiam os grandes latifundiários desse país, herdeiros de um processo injusto de distribuição do território, em uma aliança de interesses econômicos, financeiros e capitalistas entre Estado e elite dominante.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

21

Inúmeros são os indícios que o poder político e a questão agrária brasileira sempre andaram juntos, sendo uma interferência constante no contexto socioeconômico. Podemos perceber mais claramente a partir da tomada de consciência da classe camponesa frente à situação de exploração a que foram vitimados durante séculos. [1] Segundo FERNANDES (2003), “durante toda a história no Brasil, os camponeses, bem como todos os trabalhadores, foram mantidos à margem do poder, por meio da violência. Nos grandes projetos nacionais não foram considerados. Ao contrário, foram julgados como obstáculos que precisavam ser removidos”.

A partir das décadas de 1950 e 1960, surge no nordeste brasileiro especialmente as Ligas Camponesas, que objetiva organizar o campesinato no nordeste, com o intuito de lutar pela reforma agrária. O campesinato dessa época e posteriores não só lutavam pela reforma agrária, estes também lutavam contra o capitalismo, como afirma Oliveira:

[2] [...] o movimento das Ligas Camponesas tem que ser entendido não como um movimento local, mas como manifestação nacional de um estado de tensão e injustiças a que estavam submetidos os trabalhadores do campo e as profundas desigualdades nas condições gerais do desenvolvimento capitalista o país (OLIVEIRA, 1990, p.27).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais e Sem Terra - MST surgiu no fim do regime militar. Esse movimento reuniu todos os movimentos sociais do campo vigentes na época, tendo o objetivo principal a luta pela implementação total da reforma agrária. O MST cria novas estratégias para conscientizar a população de que a implementação da reforma agrária em sua plenitude é importante para exercer a democracia nesse país, onde o Estado foi desde os primórdios contra a reforma agrária, pois a reforma não atende aos interesses dos latifúndios e não dá condição para o “desenvolvimento” do país. Portanto o MST tenta desalienar a população em geral, convocando para a transformação da cidadania nesse país.

CONCLUSÕES

O embate na questão da reforma agrária brasileira a partir da escrita desse referido artigo, mostra que desde o período colonial, com a invasão da propriedade nativa e posteriormente aquisição dessas terras por parte da coroa, tendo essas conquistas com práticas repressivas, expropriativas contra os povos nativos, deixou um legado que dura até hoje e que a sociedade brasileira e principalmente o estado brasileiro, pouco dá atenção, a dizimação desse povo nativo praticado pelos portugueses, esses visavam apropriar das propriedades dos nativos, para agregar a produção de riquezas para a coroa portuguesa.

Durante o início do século XX, surge as Ligas Camponesas, que são movimentos contra a expropriação das terras e sujeição ao capital, pois o campesinato brasileiro luta a favor da distribuição de terras para aqueles que precisam, e contra a concentração de latifúndios.

Com a pressão dos movimentos das Ligas Camponesas durante o governo de João Goulart, esse deu o início ao planejamento da reforma agrária, que esse foi um dos fatores decisivos para a sua deposição promovido pelos militares, que durante o período perseguiu lideranças das Ligas Camponesas, sendo que a taxa de homicídios no campo praticados pelos capangas a mando dos latifundiários, aumentou de forma exorbitante. Para dar uma “amenizada” nesses conflitos o governo criou a Lei de Terras, que visava o plano de reforma agrária. Mas foi de fato durante o governo de Sarney, que a Lei de Terras foi uma farsa para ludibriar o campesinato brasileiro.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

22

Mas foi durante a década de 90 e até os dias atuais, que de fato a reforma agrária praticamente se transformou numa utopia, tendo o estado desde outrora a favor do capital e ao lado do grande latifúndio, e é isso que o novo movimento social do campo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras - MST tem o desafio de convencer a sociedade de que a reforma agrária é essencial para a democracia. Mas o governo tem armas poderosas, sendo umas delas o meio jurídico, que criminaliza o MST, e a mídia que tem a mesma prática descrita anteriormente, ou seja, a reforma agrária nesse país tem um longo caminho para percorrer, tendo a sua implementação um consenso em indefinição.

REFERÊNCIAS

- [1] FERNANDES, B. M. Brasil: 500 anos de luta pela terra. **Revista de Cultura Vozes**, mar. 2001. [Online] Homepage: [http:// www.dhnet.org.br/direitos/sos/terra/mst3.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/terra/mst3.htm)
- [2] OLIVEIRA, A. U. de. **A geografia das lutas no campo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1990. 101p.

EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO-ECOLÓGICO

Eliei dos Santos Gomes⁽¹⁾ & Edvaldo Hilário dos Santos⁽²⁾

⁽¹⁾ Graduando em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV-Jacobina. ⁽²⁾ Professor Assistente do Curso de Geografia da UNEB/DCH, Campus IV-Jacobina.

Palavras-Chave: Meio Ambiente. Natureza. Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a importância da educação na formação do sujeito-ecológico e da consciência socioambiental. Considerando a importância da escola nesse processo, esse trabalho busca apresentar algumas estratégias pedagógicas sustentadas na educação dialética e na práxis social, também as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre a temática ambiental.

Agimos como se os recursos ambientais fossem infinitos, inesgotáveis, agimos como donos e não como parte integrante da natureza. Essa situação levanta a necessidade de processos



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

23

educativos que visem a construção de um novo sujeito: o “sujeito ecológico” que, segundo Carvalho, ^[2]“vão assumindo e incorporando, buscando experimentar em suas vidas cotidianas essas atitudes e comportamentos ecologicamente orientados” (CARVALHO, 2008, p. 65-66). O processo de formação socioambiental e a educação são intrínsecos em sua essência.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O processo de produção do presente trabalho baseou-se em uma pesquisa bibliográfica de alguns autores. Após os dados coletados, foi montado um referencial teórico, onde as principais idéias sobre o tema foram analisadas no intuito de fortalecer a fundamentação teórica nas discussões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sujeito ecológico é aquele que adota um modo de vida orientado por idéias ecológicas, que busca o equilíbrio entre sociedade e natureza, que possui uma postura sustentável e salutar desde a sua subjetividade, sendo agente crítico e atuante. Essa postura nasce, antes de tudo, de uma consciência espacial cidadã e de uma educação crítica e emancipatória, que tem a escola como principal estimulante social.

Segundo Carvalho, essa educação caracteriza-se da seguinte forma:

^[2]uma aprendizagem em seu sentido radical, a qual, muito mais do que apenas prover conteúdos e informações, gera processos de formação do sujeito humano, instituindo novos modos de ser de compreender, de posicionar-se ante os outros e a si mesmo, enfrentando os desafios e as crises do tempo em que vivemos. (CARVALHO, 2008, p.69)

É imprescindível que exista dentro do processo educativo ações que busquem a construção de uma consciência socioambiental, que despertem nos alunos uma visão sustentável, para que esses passem a se ver não como “donos”, mas como partes da enorme teia que sustenta a vida no Planeta.

3.1. DIALÉTICA E FORMAÇÃO DO SUJEITO

Uma educação emancipatória e formadora de cidadãos críticos e atuantes, conscientes e protagonistas frente à sociedade, é aquela que, segundo Freire (1992), se utiliza da visão dialética, pois é essa que

^[4]nos indica a necessidade de recusar, como falsa, por exemplo, a compreensão da consciência como puro reflexo da objetividade material, mas, ao mesmo tempo, a necessidade de rejeitar também o entendimento da consciência que lhe confere um poder determinante sobre a realidade concreta. (FREIRE, 1992, p.101).



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

24

Essa unidade dialética tem ainda como finalidade ajudar o sujeito a se compreender dentro do processo de desenvolvimento econômico, político, social e ecológico, proporcionado aos indivíduos a possibilidade de adquirir os conhecimentos e valores necessários na formação de uma nova conduta e novas atitudes, direcionadas aos seus respectivos grupos sociais e posteriormente na sociedade como um todo, a respeito do Meio Ambiente.

3.2. PRÁXIS E EDUCAÇÃO

Esse é um fator decisivo para introduzirmos uma visão emancipatória na educação. Para Freire (1987, p.67), *práxis* ^[3]“implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. No que diz respeito a uma *Práxis* educativa transformadora, Loureiro diz o seguinte:

^[5](...) é, portanto aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalham a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada. (LOUREIRO, 2009, p.131)

Dessa forma podemos caracterizar *práxis* como ação de um sujeito livre e consciente, na qual teoria e prática são indissociáveis.

3.3. COTIDIANO E OS PCN

É necessário partir das atitudes normais do cotidiano para a visão de mundo, do local para o global, vinculando o particular ao público,^[5] “o microssocial ao macrosocial” (LOUREIRO, 2009). É nas experiências do cotidiano que podemos despertar o sentimento de pertencimento e potencializar as identidades como um instrumento na construção de um sujeito ecologicamente atuante.

Os PCN mostram a importância da temática ambiental e orientam que os conteúdos sobre o meio ambiente devem ser estudados de ^[1]“reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vive, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza” (BRASIL, 2001, p.131). O termo cuidado é indispensável nas discussões, pois o que eu cuido eu respeito, eu amo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os problemas ambientais estejam em bastante evidência atualmente, essa temática tem agido na educação de forma fragilizada. Por outro lado as respostas da natureza em relação as atitudes humanas ecoam de forma gritante por todo o planeta, criando a necessidade de um novo estilo de vida.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

25

Por fim, após todas essas idéias de uma educação transformadora e emancipatória, entende-se que, mais do que nunca, é necessário um modelo de formação cidadã onde o sujeito seja considerado em toda sua subjetividade, para que a consciência socioambiental, que tanto falamos, seja construída por completa. Para isso é necessário que o tema Meio Ambiente esteja mais presente na realidade escolar, desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico da instituição até sua abordagem em sala de aula.

Isso tudo pode parecer um discurso idealista, romântico, que esteja longe de se concretizar. Entretanto, maior erro é pensar que é possível vivermos sempre fazendo consertos em uma sociedade desumana, que coloca a natureza como objeto de consumo. Se estiver na educação o cerne do desenvolvimento humano, que nesse desenvolvimento esteja também presente o seu lado cidadão, seu lado social, seu lado “verdadeiramente humano”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MODERNIZAÇÃO NO SETOR AGROPECUÁRIO NO VALE DO SÃO FRANCISCO EM JUAZEIRO NA BAHIA

Gercilene Meireles¹, Luciene Teixeira Barbosa², Nelma de Souza Cerqueira³, Norma Celia Lima Almeida⁴, Silvana de Jesus Santos⁵

Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI email: Luciene.t.barbosa@hotmail.com, ²Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI e-mail: nelmakiss3@hotmail.com, ³Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI e-mail: norma.ichu@hotmail.com, ⁴Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI e-mail: gessy.meireles@hotmail.com, ⁵Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XI e-mail: silvana09geo@gmail.com



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

26

Palavras-chave: Agricultura; Fruticultura; Irrigação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo explanar um pouco sobre a modernização que se faz presente no vale do São Francisco em Juazeiro-BA e Petrolina-PE, mostrando através das pesquisas realizadas que mesmo com os problemas associados à escassez de chuvas na região, foi possível modificar a paisagem da agricultura no semiárido com uso de altas tecnologias para o processo de irrigação da lavoura, porém essas inovações são utilizadas apenas pelos empresários. Assim o semiárido antes visto como atrasado devido às condições climáticas que apresentava se transforma em um ambiente favorável para o plantio da fruticultura irrigada.

Observa-se que o modelo de produção do vale do São Francisco exige uma extensa área de terra, atualmente o polo Juazeiro/Petrolina é o maior produtor de uva do Brasil, isso se dá devido à sua elevada insolação durante os doze meses combinada com a tecnologia moderna, sua produção é de caráter mercantilista, voltada para o mercado externo. São cultivados no vale uma grande variedade de frutas tais como: mamão, abacaxi, uva, manga e também hortaliças, mas sua maior produtividade é de uva e manga.

MATERIAL E MÉTODO

Para a realização desta pesquisa foi feito levantamento bibliográfico para formação do corpo teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreender o processo da modernização no setor agropecuário, faz-se necessário entender algumas questões fundamentais como, o significado da mesma. De acordo com Gomes, (1996, p. 48) citado por Iná de Castro 2008:

[1] Modernização é compreendida como a criação de um fato moderno, novo, contemporâneo, aquilo que “possui” uma ligação intrínseca com a contemporaneidade, (que) substitui alguma coisa do passado, defasada, ou, simplesmente, alguma coisa que não encontra mais justificativa no tempo presente. (GOMES apud CASTRO, 2008, p.288).

Nesse sentido, o significado de modernização é acompanhar as transformações recentes do mundo atual, incorporando novas tecnologias capazes de inovar o processo produtivo de uma região. Entretanto, se passa a observar a existência de um novo modelo nos padrões da economia agrária: a agroindústria, com base na monocultura, contribuindo assim para expulsão do pequeno produtor, por não usar das mesmas tecnologias utilizadas nos grandes empreendimentos. Desta forma, o campo que antes era visto como local atrasado e ultrapassado passa a ser visto em uma lógica diferenciada pelos grandes empresários.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

27

Por muito tem comparado o atraso sócio econômico do Nordeste do Brasil ao clima da região, por ser seco e ter certa escassez pluviométrica. Vem surgindo algumas questões contraditórias em uma mesma região, de um lado têm-se uma minoria que utiliza equipamentos modernos com altas tecnologias, permitindo ao produtor aumentar sua produção e do outro, existe o pequeno produtor rural com sua agricultura tradicional, com atividades realizadas manualmente.

O atual sistema de irrigação para o Vale do São Francisco é uma técnica aplicada a agricultura, pois a mesma proporciona umidade suficiente para desenvolver a cultura em período onde as chuvas são escassas, ela constitui uma das mais importantes ferramentas para o aumento da produtividade agrícola permitindo a obtenção de colheitas fora da época normal.

Essas transformações tiveram início através de políticas de incentivo do Governo Federal e Estadual através de algumas ações estatais, como por exemplo, os investimentos em conhecimentos científicos que promovessem a modernização agrícola no semiárido nordestino do País. No Vale do São Francisco encontram-se instaladas várias empresas produtoras de frutas, essas empresas detêm tecnologias e infraestrutura capazes de atender aos mercados importadores nos quais são: Argentina, Países Baixos, Emirados Árabes, Reino Espanha, Portugal, Uruguai, Alemanha, Canadá e Estados Unidos.

O atual modelo de produção no Vale do São Francisco exige uma extensa área de terra, contribuindo desta forma para aumentar a concentração da mesma. Sua produção é de caráter mercantilista, onde se exige uma tecnologia de ponta tais como irrigação, fertilizantes, agrotóxicos, sementes altamente selecionadas através de um processo sofisticado feito por um sistema computadorizado.

Mas não se pode esquecer que essa modernização se faz presente com maior intensidade apenas nos grandes empreendimentos empresariais, pois na mesma região encontram-se os pequenos agricultores com sua produção voltada apenas para abastecer o mercado interno, onde se tem pouco investimento do Governo ou até mesmo nenhum. São cultivadas no Vale uma grande variedade de frutas entre elas: manga e uva de várias espécies destinadas produção de vinhos, sucos e uva de mesa, entre elas se mamão, manga, abacaxi, uva e hortaliças, mas o mesmo vem destaca a uva sem sementes. Atualmente o vale do São Francisco se encontra como maior produtor de uva no Brasil devido a sua elevada insolação durante todo o ano.

CONCLUSÕES

Diante dessa realidade, o trabalhador que não possui meios sofisticados para acompanhar estas mudanças fica excluído desse processo. Percebe-se que mesmo com as características que o semiárido apresenta com a utilização, de tecnologias, foi possível desenvolver atividades agropecuárias com sucesso. No entanto, no semiárido é possível identificarmos dois lados opostos: um com bases políticas criado pelas elites que ainda deixam transparecer uma região como atrasada e sem perspectiva de mudanças, porém no mesmo espaço é possível encontrar um local com os mesmos problemas climáticos, mas que através de práticas agrícolas sofisticadas conseguiram se tornar o maior produtor de frutas do Brasil.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

28

Conclui-se que esse modelo de modernização para obter bons resultados econômicos, era necessário se adotar algumas medidas com a intenção de aumentar a produção e garantir a lavoura.

REFERÊNCIAS:

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

LEITE, Ângelo Antonio Macedo; ALVES Paula Lima. *A modernização da agricultura no semiárido brasileiro: o caso da fruticultura irrigada do Vale do São Francisco*. Disponível em: <http://abepro.or.r/biblioteca/enegep2010.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2012.

MARTIN, Paulo San. *Agricultura Suicida (um retrato do modelo brasileiro)*. Ícone, 1985.

SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS; Roselí Alves dos. *Geografia agrária, território e desenvolvimento*. 1 ed. São Paulo. Expressão Popular, 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo. Cortez, 2007.

Tabela 01 - produção de uva durante todo o ano por região produtora

REGIÕES	MESES											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
RS/SC												
PR												
SP – Leste												
SP – Jales												
Norte de Minas												
V. do São Francisco												

Fonte: Mello, 2005.

LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: ANÁLISE SOBRE O USO NO ENSINO FUNDAMENTAL II – SERROLÂNDIA/BA

Humberto Cordeiro Araújo Maia¹; Bruna Cordeiro Saldanha²



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

29

¹ Estudante do curso de Licenciatura plena em Geografia – Universidade do Estado da Bahia / UNEB. Professor na educação básica. E-mail: betumaia2@hotmail.com. ² Estudante do Curso de Licenciatura plena em Geografia – Universidade do Estado da Bahia / UNEB. E-mail: brunasaldanha01@hotmail.com

Palavras-chave: geografia; livro didático.

INTRODUÇÃO

A Geografia escolar, durante o processo de estruturação curricular passou por diversas transformações, desde a tradicional até a contemporânea. Entretanto, alguns professores insistem em trabalhar da maneira tradicional, aplicando métodos engessados, fazendo da disciplina, burocrática e desmotivadora.

No ensino de Geografia, existem diversas possibilidades no que se refere aos materiais didáticos, mas o que está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento desta disciplina na escola é o livro didático, o qual, muitas vezes é o principal norteador das aulas.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa ainda em andamento, no ensino fundamental II, cidade de Serrolândia, que busca compreender se o livro didático de Geografia é utilizado como única fonte de informação para a construção do saber, e se há uma contextualização dos conteúdos deste material com a realidade do aluno.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa ora referida, está sendo desenvolvida numa abordagem quanti-qualitativa, com ênfase, tanto nos dados descritivos, procurando entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada, como também a quantificação dos dados coletados com uso de técnicas estatísticas, ou seja, a dimensão mensurável da realidade. Sobre a relação da metodologia qualitativa com a quantitativa (MINAYO e SANCHES 1993, p.351) afirmam que o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

Para fundamentação e embasamento teórico, estão sendo realizadas pesquisas bibliográficas com contribuição de vários autores dentre eles Lajolo (1996), Vesentini (1989), Freitag, Costa e Motta (1993), etc.

Também, para levantamento de algumas informações e situações, algumas verificações *in locus* estão ocorrendo, segundo Queiroz et al (2007, p. 277) “A observação constitui elemento fundamental [...], porque está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, ela desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa.

DISCUSSÃO



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

30

Sobretudo em Geografia, as aulas devem estar pautadas numa maneira envolvente e dinâmica, de modo que o aluno possa interagir e se identificar com e nos conteúdos. Sendo assim, ao usar o livro didático como apoio nas aulas, o mesmo deve ser utilizado de forma correta. “Faz-se necessário questionar os conteúdos geográficos que estão sendo ensinados e os métodos utilizados perguntando-se sempre se o saber transmitido está realmente a serviço do estudante.” (PONTUSCHKA, 2007, p.132).

Portanto, a grande problemática que se discute, não é necessariamente a qualidade dos livros. Pois pode-se ter um bom periódico, e mesmo assim não ser usado de acordo com a realidade dos estudantes. Segundo Lajolo (1996), o caso é que “não há livro que seja à prova do professor: o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor”. Pois o melhor livro é apenas um livro, instrumento de aprendizagem. A esse respeito Vesentini (1989), nos diz que:

O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a seu serviço, a serviço de seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante. (VESENTINI, 1989, p. 167).

Não se sabe o que explica tal problemática, se é o fato de haver grande ausência de outros recursos didáticos nas escolas públicas brasileiras, restringindo assim, os periódicos didáticos como principal instrumento norteador, ou mesmo a falta de incentivo, por parte dos professores para não atrelar os conteúdos com outras linguagens didáticas.

Pode-se destacar que nem sempre as propostas metodológicas advindas dos livros didáticos estão ligadas ao método que cada professor utiliza durante suas aulas, influenciando assim, na forma como os conteúdos são explorados, podendo dificultar a compreensão dos educandos. O que se deseja, é que os conteúdos sejam atrelados a outras fontes de informação, de modo que estejam intrinsecamente associadas à realidade do alunado.

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele, isto é, as atividades escolares através das quais um livro didático vai se fazer presente no curso em que foi adotado. (LAJOLO, 1996, p.06)

De fato, o livro didático é um importante instrumento de apoio aos professores por facilitar a prática docente, mas, deve-se ter alguns cuidados com a simples reprodução e aplicação de tais conteúdos, visto que, a elaboração desses materiais muitas vezes aborda as características típicas dos lugares onde os autores moram, e são utilizados por outros alunos em regiões totalmente diferentes, não fazendo parte da realidade e cotidiano do local onde o livro é trabalhado.

Desta forma, o principal problema dessa simples repetição burocrática deixa assim, o ambiente de construção do saber, um espaço de desestímulo e acomodação.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

31

Embora o livro didático de geografia seja um importante recurso norteador, as pesquisas encontradas referente ao tema são, sobretudo, análises dos periódicos, como por exemplo, a forma como as categorias de análises geográficas são abordadas, dentre outros. Desta forma, até onde se conhece, não existe qualquer estudo referente ao tema supracitado, sobretudo na cidade de Serrolândia- BA.

Fazendo referência às pesquisas sobre o uso do livro didático, Freitag; Costa; Motta (1993, p. 13) nos diz que:

Das centenas de teses e pesquisas feitas sobre o livro didático, a esmagadora maioria se concentra como vimos, na análise do texto impresso. São poucos os estudos que se dão ao trabalho de analisar o livro em uso nas salas de aula, focalizando seja o professor seja o aluno, ou eventualmente ambos.

Nessa perspectiva pode-se afirmar que a presente proposta de investigação além de ser relevante para a comunidade local é de grande importância para a educação geográfica, no momento em que serão investigadas as formas de utilização, e posteriormente, os resultados da pesquisa serão apresentados para a comunidade local, como forma de instigar um pensamento crítico diante do que se pesquisa.

CONCLUSÕES

O ensino de geografia foi trabalhado durante muitos anos tendo por base apenas os conteúdos dos livros didáticos. É sabido que de forma geral o ensino passou por um processo de reformulações metodológicas mediante aos avanços tecnológicos. No entanto, o livro didático ainda se sobressai na escolha como o principal instrumento para subsidiar a prática docente.

Diante de tais aspectos e partindo para a realidade local, é de extrema importância a discussão sobre esta temática, levando em consideração um questionamento base, que ainda não foi respondido por conta de se tratar ainda em uma pesquisa em andamento: de que forma os livros didáticos de Geografia vem sendo utilizados no ensino fundamental II, em Serrolândia – BA?

REFERÊNCIAS

- FREITAG, Bárbara, COSTA, Wanderley, MOTTA, Valéria. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez, 1993.
- LAJOLO, M. O. Livro didático: um quase manual de usuário. In. Em Aberto—**O livro didático e qualidade de ensino**. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

32

PONTUSCHKA, N.N; PAGANELLI, T.I; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia**. Cortez Editora. 2007.

QUEIROZ, Danielle Teixeira. et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 2, p. 276-83, abr./jun., 2007.

VESENTINI, José Willian. A questão do livro didático no ensino da geografia. In: VESENTINI, José Willian (Org.). **Geografia e Ensino: Textos críticos**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE GEOGRAFIA COMO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Jeissinaldo de Carvalho Macedo¹ e Dilma Batista dos Santos Paturi²

¹ Graduando do VI semestre do curso de licenciatura em geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus IV. Email. jesynaldo@hotmail.com; ² Graduanda do VI semestre do curso de licenciatura em geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus IV.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, cartografia, projeto de intervenção.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado possui um papel indispensável na formação do profissional de educação, visto que, é no ato de observar, analisar os espaços das unidades escolares, é que o estagiário constrói a sua identidade. Neste sentido, o ensino está fundamentado na relação prática (acumulada na experiência) e teoria adquirida ao longo do tempo. Assim Saiki; Godoi (2007) afirma que tanto a Prática de Ensino quanto o Estágio Supervisionado é importante dentro dos cursos de licenciaturas, pois favorecem discussões de teorias e práticas pedagógicas que podemos utilizar em sala, além de ser um processo de transformação social, profissional e pessoal.

Vale ressaltar que durante atividades de observações realizadas em estágio I no semestre 2012.1, nas escolas públicas da cidade de Jacobina-BA, em especial no Colégio Municipal Armando Xavier de Oliveira, percebemos que há uma problemática co-relação ao ensino-aprendizado de cartografia, haja vista que a cartografia é utilizada em diversas áreas do conhecimento para que possa se representar num plano a superfície terrestre, uma planta do bairro, da cidade, de uma escola entre outros objetos. Mas na geografia a cartografia tem como objetivo representar os fenômenos que ocorrem no tempo e no espaço geográfico.

Assim, o objetivo desse trabalho é relatar a nossas impressões sobre o projeto de intervenção, desenvolvido em forma de oficina pedagógica, realizada no Colégio Municipal Armando Xavier de Oliveira, como cumprimento das atividades do componente curricular Estágio



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

33

Supervisionado em Geografia II, o qual contribui significativamente em nosso processo de formação.

MATERIAIS E MÉTODO

A abordagem metodológica utilizada é qualitativa. Além disso, realizamos pesquisas bibliográfica para confrontar com a realidade pesquisada e observações participativas durante a aplicação do projeto de intervenção, ministrado em forma de oficina pedagógica, intitulado “Representando o espaço através da cartografia”, a qual contou com a participação de 25 inscitos, desenvolvida na Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira, situado na rua Margem Rio do Ouro no bairro do Leader na cidade de Jacobina- BA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante das observações e no desenvolvimento do projeto de intervenção, observamos que os alunos apresentam uma dificuldade para compreender os conteúdos de cartografia.

Diante disso, podemos elucidar a falta de preparação dos docentes para que os mesmo possam trabalhar com alfabetização cartográfica, fato que não atribuímos à culpa aos professores e sim ao sistema educacional o qual na maioria das vezes não desenvolvem cursos de formações continuada para desenvolver as atividades de forma mais lúdicas. Almeida afirma que:

Todos os educadores concordam que aprender a ler um mapa é necessário para a formação básica dos educandos; todas as escolas, com raras exceções, possuem mapas, mesmo que sejam aqueles dos cadernos e livros dos alunos. Mas pouco são os estudos sobre o que seria uma “alfabetização” cartográfica. (ALMEIDA 2010, p. 18)

Quando questionamos os alunos com a seguinte pergunta, onde vocês utilizam os conhecimentos de cartografia ensinados na escola? A grande maioria responderam que não utilizam os mapas fora do ambiente escolar fato que nos preocupou bastante visto que, as representações cartográficas possibilitam o sujeito a uma leitura do espaço geográfico e dos fenômenos que ocorrem sobre o mesmo. Segundo Almeida:

O indivíduo que não consegue usar um mapa está impedido de pensar sobre aspectos do *território* que não estejam representados em sua memória. Está limitado apenas aos registros de imagens do espaço vivido, o que impossibilita de realizar a operação elementar de situar localidades desconhecidas a geografia na atualidade está fundamentada na análise e organização do espaço. (ALMEIDA 2004 p. 17)

Diante disso, buscando responder essa problemática, desenvolvemos as atividades da oficina partimos do pressuposto metodológico sócio interacionista que Conforme Moreira (1999) essa teoria tem seu fundamento nos estudos de Vygotsky, que propõe o desenvolvimento cognitivo por meio da interação social, na qual há troca de idéias e experiências gerando assim novas experiências e conhecimentos.

Assim as atividades desenvolvidas foram pautadas com objetivo de possibilitar aos opinando correlacionar os conteúdos da cartografia como seu dia a dia, para que isso fosse alcançado, desenvolvemos atividades de campo para que eles pudessem relacionar os



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

34

conteúdos trabalhados em sala com o lugar observado, atividades lúdicas e tudo isso foram significativos visto que, no final da oficina na atividade avaliativa, foi perceptível que os alunos responderam as questões de forma coerentemente dando um significativo salto na alfabetização cartográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda atividade desenvolvida percebemos que o trabalho com cartografia correlacionando-o com a realidade dos alunos é bastante significativo, pois eles podem relacionar o que apreendem no seu dia a dia, assim os alunos alfabetizados cartograficamente tornam-se leitores e intérpretes de mapas e não meros copiadores de mapas sem saber o seu valor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de (org.). **Cartografia escolar**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MOREIRA, Marcos Antonio. **Teoria de Aprendizagem**. São Paulo: Epu, 1999.
- SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto 2007.

O PAPEL DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

¹Jeovana da Cruz Souza; ¹Elisia Almeida

Palavras chave: políticas educacionais, geografia e docência.

INTRODUÇÃO

Mediante as mudanças ocorridas no sistema educacional publico do Brasil nas ultimas décadas, e a inserção de políticas publicas vigentes, o presente estudo tem como intuito compreender o ensino de geografia na educação de jovens e adultos no colégio Estadual



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

35

Antônio Olavo Galvão no município de Santo Antônio de Jesus, bem como entender a dinâmica dos docentes para serem inseridos no processo de inclusão proposto pelo ministério de educação, já que a geografia está atrelada ao componente de história sendo as aulas ministradas em tempo similares.

Desse modo é considerável o interesse da pesquisa tendo como objeto de estudo a funcionalidade da geografia como instrumento de formação de cidadãos críticos no espaço público de educação.

MATERIAL E MÉTODO

Durante anos o processo de ensino aprendizagem no âmbito educacional tem sofrido diversas transformações, no entanto o ensino público tem sido o principal contemplado com tais mudanças oportunizando jovens e adultos que não tiveram condições de cursar e concluir o ensino médio no período regular. Baseado na Geografia como ciência e componente curricular na unidade escolar Antônio Olavo Galvão, a pesquisa a priori utilizou-se de leituras, fichamentos, entrevistas e coleta de informações com aplicação de questionário com professores de Geografia.

Dessa forma, a inserção de ferramentas tecnológicas bem como as políticas educacionais sugeridas pelo estado exige dos docentes uma nova forma de lecionar, na modalidade de ensino de educação de jovens e adultos, que possui uma faixa etária entre 18 e 70 anos frequentando a unidade escolar nos turnos noturnos e diurno o que torna uma tarefa desafiadora. Mesmo tendo no Plano Político Pedagógico (PPP) atualizado e tecnologias oferecidas como forma de crescimento, nota-se que nos últimos anos o nível de aprovação em geografia alcançou 80%, tendo êxito a adaptação de atividades lúdicas atreladas ao ensino de geografia em sala de aula.

Nesse sentido os docentes como mediadores desse processo buscam adaptar-se as novas formas de contextualização metodológica dos conteúdos obrigatórios para a formação dos educando de acordo com a realidade por eles vivenciada, tentativas que vem obtendo sucesso.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mediando a visita *in loco* e aplicação de questionário pode-se concluir que apesar dos poucos recursos oferecidos aos docentes da modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA), existe uma dinâmica no tocante a ministração das aulas de Geografia e a criatividade como forma lúdica de manter a atenção e o aprendizado num nível padrão dos estudantes que frequentam regularmente a unidade escolar, que podem ser constato no gráfico e na tabela anexados a seguir.

No entanto as condições físicas bem como a inexistência de um material atualizado que fomenta as necessidades básicas e o maior entendimento de forma clara para os jovens e adultos, são um entrave para um desenvolvimento intelectual de qualidade.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

36

REFERÊNCIAS

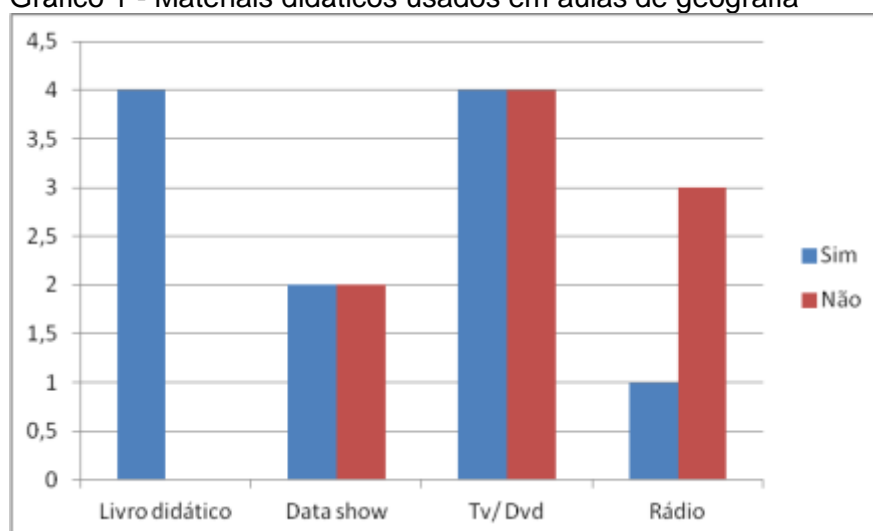
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA JOVENS E ADULTOS 20-22 nov. 1985, Rio de Janeiro. **Reflexões teóricas e metodológicas sobre a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, Fundação EDUCAR, OEA, JICA, 1986.

BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. . **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

RIOS, Clara Maria Almeida. **A educação de Jovens e adultos no contexto contemporâneo da formação continuada de professores e das tecnologias da informação e comunicação**. Salvador: EDUNEB, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007

Gráfico 1 - Materiais didáticos usados em aulas de geografia



Quadro comparativo

FAIXA ETÁRIA	TURNO	DIAS DA SEMANA	DISCIPLINAS
18 anos	Diurno	segunda-feira	Geografia e Português
18 á 35 anos	Diurno	Segunda-feira e Quarta-feira	Geografia e História
18 á 70 anos	Noturno	Quarta-feira e quinta-feira	Geografia e História



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

37

**EROSÃO LINEAR EM ÁREAS DE EXTRAÇÃO DE AGREGADOS DA
CONSTRUÇÃO CIVIL EM JACOBINA – BAHIA**

Leandro Pereira da Silva⁽¹⁾, Marcio Lima Rios⁽²⁾, Manoel Jerônimo M. Cruz⁽³⁾

¹Geógrafo, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geologia da Universidade Federal de Bahia - BA, e-mail: leandrogeografia12@hgmil.com; ²Geógrafo, mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais - MG; ³ Professor Associado do Departamento de Geologia da Universidade Federal da Bahia - BA.

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo de impacto ambiental sobre os solos a partir da erosão linear (voçorocas, ravinas). O referido impacto ocorre em áreas de extração de areia e cascalho, usados como matéria prima para a construção civil, localizados nas proximidades do rio Itapicuru-mirim e da lagoa Antonio Teixeira Sobrinho no município de Jacobina (BA). A área a ser estudada possui cerca de 9 km² e mantém o processo de extração desde a década de 70, sendo favorecido pela grande ocorrência de reservas minerais em toda planície fluvial, e em encostas próximas ao leito do rio. Nesse contexto, foram levantadas e estudadas as causas da grande ocorrência de feições erosivas (voçorocas e ravinas), em torno das áreas de extração, sendo feita a caracterização morfológica, física e química de dois perfis de solo. Além disso, foi realizado o mapeamento da rota dos sedimentos erodidos com auxílio de GPS e Imagens de Satélite. E a partir dos resultados das análises químicas, físicas, e da caracterização morfológica foi possível verificar a alta vulnerabilidade dos solos aos agentes erosivos. Comprovados respectivamente pelo baixo conteúdo de matéria orgânica, pela textura com altas concentrações de areia e silte, e também pela natureza da estrutura apresentada pelos agregados.

Palavras-chave: Erosão de solos, Voçorocas, Agregados da Construção Civil.

INTRODUÇÃO

O solo, considerado como parte superficial da crosta terrestre, não consolidado, e que em geral provém da decomposição das rochas, merece ser estudado pela sua importância no meio circundante. Diante disso, os solos veem sendo agredidos pela ação antrópica que acarreta uma série de problemas ao meio físico, dentre os quais merece um destaque especial à erosão de solos, que vem se tornando um dos maiores fatores de perdas de solos agricultáveis do país.

O presente estudo realizou um levantamento das causas da alta ocorrência de feições erosivas, em áreas de extração de agregados da construção civil (areia e cascalho) no município de Jacobina (BA), através da caracterização dos solos, e de feições erosivas lineares (voçorocas) encontradas na área, para assim, diagnosticar sua vulnerabilidade natural aos agentes erosivos.



MATERIAL E MÉTODOS

Os métodos procedimentais, utilizados nesta pesquisa foram:

Análises dimensionais de Voçoroca e de rota de sedimentos: foi realizada a medição da principal voçoroca localizada em uma estrada na área de extração de areia, sendo medido seu comprimento, largura e profundidade distribuídas em 41 pontos num intervalo de 2,5m. As medidas foram utilizadas no cálculo do volume de sedimentos que saíram da voçoroca. Foi feito o mapeamento da rota dos sedimentos erodidos através do uso de GPS e imagens de satélite com o objetivo de identificar os locais de destino dos sedimentos.

Análises física, química e descrição morfológica de solo: A descrição dos solos e a coleta das amostras analisadas obedeceram à normatização Manual de descrição e coleta de Solos no campo [2]. Sendo que os dois perfis caracterizados neste trabalho localizam-se, respectivamente, no terço inferior e médio da encosta. Foram feitas as análises granulométricas, matéria orgânica e da CTC total de acordo com os métodos estabelecidos no Manual de Métodos de análises do solo [3].

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados das análises físicas, químicas e da caracterização morfológica, associados às medições e ao cálculo do volume dos sedimentos erodidos em uma voçoroca, pôde-se constatar a alta fragilidade dos solos aos agentes erosivos. A textura composta por grandes concentrações de areia e silte (tabela 01 e 02), contribui para a formação de agregados menos estáveis, o que foi verificado na morfologia dos solos, destacando principalmente a estrutura, que na maioria dos horizontes dos dois perfis, se apresenta a partir de blocos subangulares que variam de tamanho médio a grande, tendo um grau de desenvolvimento de fraca à moderada, formando, portanto, estruturas com menor agregação e mais fáceis de serem rompidas. Além disso, os valores baixos do conteúdo de MOS (matéria orgânica do solo), contribuem para a baixa estabilidade dos agregados, tendo em vista a natureza coloidal MOS, que atua como agente cimentante das partículas do solo. [1] Vale ressaltar que solos com menos de 2% de matéria orgânica possuem baixa estabilidade dos agregados, sendo que os valores encontrados são inferiores a 2%, conferindo aos solos locais uma alta susceptibilidade.

Sendo assim, estas características morfológicas nas condições supracitadas tendem a favorecer durante os eventos chuvosos torrenciais, um rápido rompimento dos agregados, individualização das partículas e formação de crostas, contribuindo para que ocorra o selamento superficial do solo e se inicie o escoamento em superfície, dando início aos processos erosivos de forma mais rápida [1].

Vale ressaltar que, o processo de extração de agregados da construção civil (areia, e cascalho), intensifica os processos erosivos, na medida em que há desmatamento de grandes áreas, além da retirada dos horizontes superficiais, deixando os solos expostos e mais vulneráveis aos agentes erosivos.

Foi constado também a partir de medições dimensionais, realizadas em uma das muitas voçorocas encontradas nas áreas de extração, o valor aproximado do volume de sedimentos que foram erodidos. Assim, apresentando um comprimento de 102, 5 m, com uma largura



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

39

média de 1,71 m e profundidade de 1,15m, pôde-se chegar ao volume aproximado de 233, 27 m³ de material erodido em apenas uma voçoroca. E a partir do mapeamento da rota dos sedimentos, com auxílio do GPS e imagens de satélite, foi possível identificar o destino do material, erodido nas encostas localizadas no entorno da área estudada, sendo em sua maioria depositados na Lagoa de Antonio Teixeira Sobrinho, um importante corpo hídrico e ecossistema local, onde foram constatados vários pontos bastante assoreados, conforme demonstrado na figura 04.

CONCLUSÕES

Os resultados das análises físicas, químicas e caracterização morfológica de alguns dos solos encontrados na área, comprovaram a alta vulnerabilidade aos agentes erosivos. Verificado na textura, com maiores concentrações de areia e silte, associados aos baixos teores de matéria orgânica, que normalmente contribuem para formar unidades estruturais mais frágeis e, portanto, mais fáceis de serem rompidas, acelerando a atuação dos processos erosivos. Para tanto, a atividade de exploração de agregados da construção civil, com a remoção dos horizontes superficiais e retirada da cobertura vegetal, contribui para a aceleração desses processos, que culmina com o assoreamento de alguns corpos hídricos locais como a Lagoa de Antonio Teixeira Sobrinho e o Rio Itapicuru-mirim.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento da pesquisa. Ao corpo docente dos programas de pós-graduação em Recursos Hídricos do IFBAIANO e em Geologia da UFBA. E a EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola) pelo suporte na realização das análises de solos.

Quadro 01. Características Texturais e Químicas do Perfil nº 01

Horizonte	Prof.	Areia	Silte	Argila	Textura	MO	C	CTC
	cm	dag/kg	dag/kg	dag/kg		dag/kg	dag/kg	Cmolc /dm ³
A1	(0 - 7)	81,9	15,0	3,1	AREIA FRANCA	1,70	0,99	7,11
AC	(7 - 21)	81,2	12,9	5,9	AREIA FRANCA	0,55	0,32	4,24
C1	(21 - 59)	81,0	13,2	5,8	AREIA FRANCA	0,26	0,15	3,02
C2	(59 - 79)	80,4	14,2	5,4	AREIA FRANCA	0,18	0,10	2,81
C3	(79 - 159+)	78,0	17,8	4,2	AREIA FRANCA	0,03	0,02	1,75

Fonte: Análises Físicas e Química, 2012.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
 “Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
 04 a 07 de junho de 2013

40

Quadro 02. Características Texturais e Químicas do Perfil nº 02

Horizonte	Prof.	Areia	Silte	Argila	Textura	MO	C	CTC
	cm	dag/kg	dag/kg	dag/kg		dag/kg	dag/kg	Cmolc /dm³
Ap	(0-9)	72,3	26,3	1,4	AREIA FRANCA	0,66	0,38	4,52
AC	(9-24)	84,4	11,2	4,4	AREIA FRANCA	0,53	0,31	2,77
C1	(24-65)	84,9	8,0	7,0	AREIA FRANCA	0,35	0,20	2,83
C2	(65-95)	79,2	13,8	7,0	AREIA FRANCA	0,20	0,11	3,04
C3	(95-143+)	78,5	20,9	0,6	AREIA FRANCA	0,01	0,03	1,45

Fonte: Análises Físicas e Química, 2012.

Figura 01: Voçoroca causada pela construção de estrada em área de extração de areia



Foto: Leandro Pereira, 2012

Figura 02: Assoreamento na Lagoa Antônio Teixeira Sobrinho a partir da deposição de sedimentos erodidos de encostas próximas.



Foto: Leandro Pereira, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA, A.J.T., SILVA, A. S. da, BOTELHO, R. G. M.. Erosão e Conservação dos Solos: Conceitos, Tema e Aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999 340p.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA-EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Manual de Métodos de Análises de Solos 1. Ed. Rio de Janeiro: EMBRAPA/CNPS, 1997 212p.

SANTOS, R.D. dos. LEMOS, R.C. de. SANTOS, H.G. dos. KER, J.C. ANJOS, L.H.C. dos. Manual de descrição e coleta de solos no campo. 5ª Ed. SBCE: Viçosa, 2005 100p.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

41

**A MODIFICAÇÃO DA PAISAGEM A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DAS
HIDRELÉTRICAS PELA CHESF EM GLÓRIA E PAULO AFONSO – BA**

Luan da Silva Santiago¹ e Miguel Vieira de Lima²

¹Graduando em Licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*. E-mail: luangeo@gmail.com; ²Graduando em Licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*.

Palavras chaves: Urbanização; Processamento de imagens.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado para analisar a paisagem dos municípios de Glória e de Paulo Afonso no Estado da Bahia, identificando o papel da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) no processo de modificação da paisagem, caracterizando os elementos constituintes da paisagem e identificando as áreas de expansão urbana através de imagens de satélites, a fim de observar a relação com a CHESF nesse processo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas [1] (IBGE), os municípios estão localizados na região do Nordeste do Brasil, também no Nordeste da Bahia, no território de identidade de Itaparica, e ficam a uma distância média de 471 Km da capital Salvador (Figura 1). Paulo Afonso possui uma área territorial de 1.580 Km² e sua população total no censo do IBGE do ano de 2010 era de 108.396 habitantes, enquanto que Glória possui uma população de 15.076 habitantes e uma área territorial de 1.255 Km². A economia está pautada principalmente na prestação de serviço, na indústria e na agropecuária. Os municípios ficam inseridos no “Polígono das Secas”, ou seja, a precipitação anual é relativamente baixa, sendo de 907 mm no ano, com isso apresenta um clima do tipo megatérmico semiárido e árido, com temperatura média anual de 29.1 °C. Neste local o relevo é caracterizado por ser esculpido em rochas sedimentares da bacia do Tucano e da formação Tacaratu e metamórficas/ígneas da faixa de dobramentos sergipana e embasamento cristalino, correspondente a chapada do Raso da Catarina, pediplano, morros arredondados e planícies fluviais drenados pelo rio São Francisco e afluentes. Os tipos de solos são neossolo, planossolo e luvisolo. A vegetação tem a predominância de caatinga arbórea aberta e uma pequena parte de arbórea densa, há também vegetação de transição e pequenas culturas agrícolas. O principal rio é o São Francisco, localizado na bacia que tem o mesmo nome do Rio, que serve, entre outras coisas, para a geração das usinas que tem no seu percurso.

METODOLOGIA

Sendo assim, para alcançar os objetivos propostos no trabalho foi necessário identificar as áreas de expansão urbana através das imagens de satélites em duas datas distintas, buscar



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

42

dados no IBGE referentes à sua população, realizar pesquisa bibliográfica e construir mapas geossistêmicos. Para o processamento digital das imagens do ano de 1985 e 2008 do satélite Landsat 5 do sensor TM (*Thematic Mapper*), que foram adquiridas gratuitamente pelo site do INPE, foi necessário fazer a correção atmosférica no *software* ENVI 4.8 que serve para reduzir as interferências da atmosfera sobre os valores de nível de cinza registrados na cena NOVO [2]. Em seguida foi feita a correção geométrica para a reorganização dos pixels das imagens. Realizou-se um recorte das principais áreas urbanas das duas cidades, aproximadamente no mesmo local, a partir daí foi utilizado a classificação supervisionada do tipo *Mahalanobis Distance*, sendo dividido em quatro classes, que foram, urbano, vegetação, água e solo exposto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A chegada da CHESF na região de Paulo Afonso foi aproximadamente no ano de 1945, e Paulo Afonso não era cidade ainda, pois só foi emancipado no ano de 1958. Pertencia ao município de Gloria, e só existiam algumas poucas casas no local. No ano de 1949 iniciou-se o processo de construção da primeira usina hidroelétrica, e com isso ocorre a chegada de operários vindo do nordeste e de outras regiões, além dos engenheiros e “altos funcionários” que vinham até mesmo de outros países. Nesse momento, a empresa inicia o processo de expansão urbana, sendo construídas três vilas para os funcionários, divididos entre os solteiros, casados e os engenheiros. Então, segundo Silva (2010) entende-se o processo de urbanização como sendo o resultado de uma ação articulada de diferentes agentes e com diferentes interesses, possibilitado por algumas conjunturas específicas que remontam as dinâmicas do modo de produção em questão. Assim, para a realização da análise acerca do urbano no Brasil, faz-se necessária a discussão sobre os diferentes contextos econômicos, sociais e políticos que são deflagrados e que resultam na produção do espaço.

A urbanização avança formando aglomerados humanos, na maioria das vezes, em torno das atividades econômicas, e com esse processo podemos pensar a urbanização como um local onde está a produção, as classes sociais e a divisão do trabalho. E também como sendo resultante de um conjunto de ações humanas que procura modificar a natureza para atender as suas necessidades. E nesse contexto as paisagens urbanas são resultantes de uma intensa apropriação antrópica e são alteradas, criadas e recriadas no contexto socioeconômico, histórico, social, cultural e tecnológico.

Para identificar o avanço da urbanização, utilizamos as imagens do satélite Landsat 5 (Figura 2) mais recente (2008) e a mais antiga (1985) com a melhor qualidade possível, sem haver coberturas de nuvens. Após ser aplicada a classificação, obteve-se o seguinte resultado que podemos observar, em comparação aos dois anos, a área urbana teve um aumento considerável, não dentro da “ilha”, onde fica localizado a área urbana de Paulo Afonso. Segundo dados do IBGE [1] a população total do município em 1991 era de 86.619 passou em 2010 a ser 108.396 habitantes. Esses dois fatores podem ser relacionados ao aumento da população da cidade que precisou de maiores espaços para a expansão. Com isso há o surgimento de periferias e desigualdades sociais devido a essa migração das pessoas vindo em busca de emprego. Todos esses fatores citados contribuem significativamente para a transformação da paisagem local.

Além da criação das vilas residenciais, a CHESF [3] se preocupou também com a implantação da infraestrutura, como sistema de transporte, comunicações e serviços de saneamento,



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

43

saúde e lazer. Dentre as edificações que formavam a “Cidade CHESF” estão o Hospital Nair Alves de Souza, a Igreja São Francisco (1950), a Casa da Diretoria (1949), o Colégio Paulo Afonso, o Hangar de Aeronaves da CHESF, o Clube do Operário Paulo Afonso, o Grande Hotel de Paulo Afonso, a Escola Alves de Souza (1948), além de um modelo reduzido de todo o Complexo das Usinas e da Cidade Chesf, localizado no Centro de Treinamento Profissional de Paulo Afonso.

Já o município de Glória que no censo de 1991 tinha uma população de 12.815 e pouco aumentou em quase 20 anos, pois no ano de 2010 o censo registrou 15.076 de população. Por isso nota-se que houve pouco aumento da área urbana na parte superior/esquerda que se refere a cidade de Glória. Esse pouco crescimento pode ser relacionado com o pouco ou quase nenhum investimento das construções das usinas para a cidade. Com essa dinâmica da mudança da paisagem pelo processo de urbanização, Bertrand [4], situa a análise da paisagem entre a natureza e a sociedade, afirmando estar explorando “uma via ainda pouco frequentada, mas que oferece a possibilidade de resituar a natureza na dinâmica social e a sociedade na dinâmica natural”. Além de afirmar que a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos dispersos. É uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Com as construções das barragens para a implantação das usinas nota-se o rompimento da sequência natural do rio, o aumento do espelho d’água e assim o aumento da evaporação, a alteração da vida da população ribeirinha, entre outras coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que houve uma preocupação por parte da CHESF em estruturar as vilas construídas para os trabalhadores que vinham de outros locais, e a geração de quase onze mil empregos. Só o Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso é responsável por 83,4% de toda a energia produzida pela CHESF. Mas houve também fatos negativos, como os impactos ambientais causados pelas barragens sendo que os moradores próximos tiveram que sair de suas casas. E para considerar se essa evolução da urbanização foi favorável ou não, depende de um estudo mais aprofundado, que foque essas questões, já que não foi o objetivo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- IBGE. 2012. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Home Page: <http://www.ibge.gov.br>
- NOVO, E. M. L. de M. 1992. Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações. São Paulo, Edgard Blücher.
- CHESF. 2012. Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. Home Page: www.chesf.gov.br
- BERTRAND, G. P. Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Editora Massoni.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
 COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
 “Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
 04 a 07 de junho de 2013

44

Figura 2. Mapa de uso e ocupação.

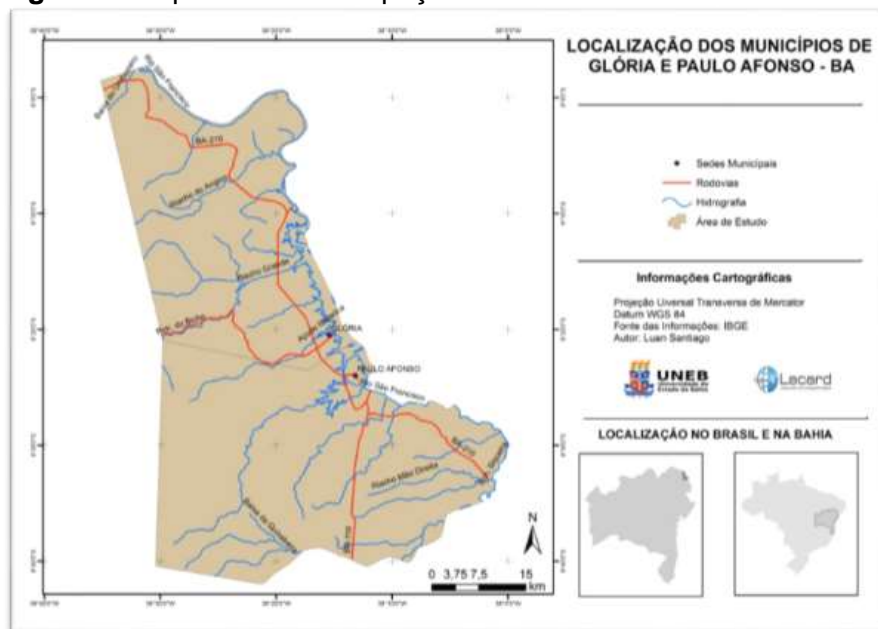
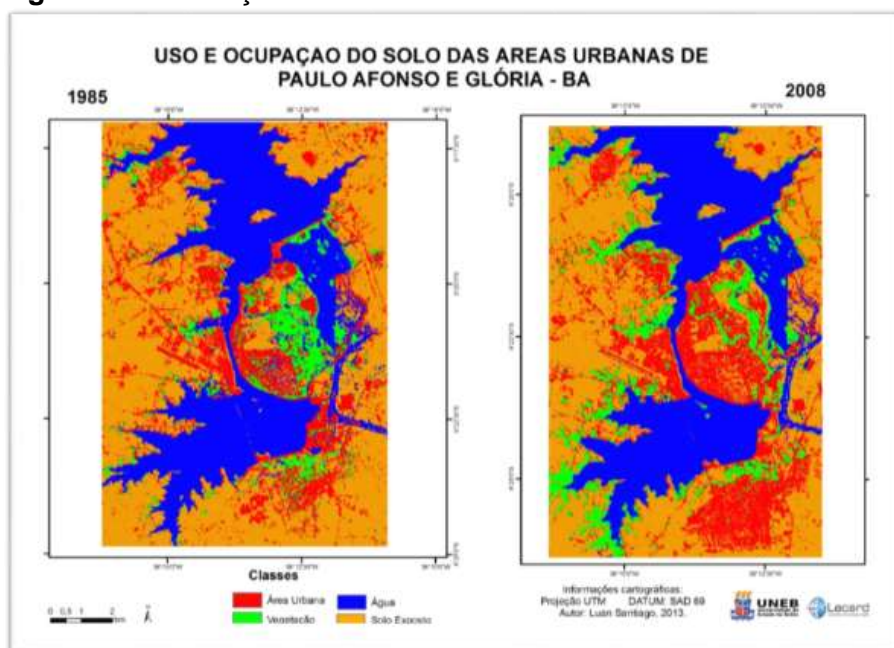


Figura 1. Localização da área de estudo.





SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

45

MEMÓRIA DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UM ESTUDO EM RIO DE CONTAS- REVISITANDO MARVIN HARRIS

Lucineide Santos Silva

Geógrafa/ Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade/ Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior - UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Grupo de pesquisa Educação e Trabalho-Museu Pedagógico / lucineidegeo@ig.com.br

1 INTRODUÇÃO

Em parceria com o Museu Pedagógico/UESB/VC e com professores da UNICAMP e da UNEB, foi possível desenvolver um Projeto de pesquisa, cujo objetivo foi revisar o “Programa de Ciências Sociais Estado da Bahia – Columbia *Universit*” no intuito de disponibilizar fontes documentais que retratam as idéias norteadoras acerca da Educação na Bahia e no Brasil a partir dos anos de 1950. Partindo da oportunidade de fazer parte do grupo de pesquisa do Museu Pedagógico foi possível o nosso ingresso no Mestrado Memória: Linguagem e Sociedade em que nos oportunizou fazer um recorte de estudos para o Projeto Columbia-*Universit* e contribuir com o referido Projeto.

Dessa forma, a pesquisa que envolveu a nossa participação no Mestrado, investigou: De que modo os estudos produzidos por Marvin Harris em seu livro “*Town & Country in Brazil: a sócio-anthropological study of small Brazilian town*” publicado em 1956, recuperaram a memória do trabalho em Rio de Contas no contexto histórico dos anos 50? Quais interlocuções foram construídas em torno do Trabalho pelos Estudos de Comunidade e nas histórias contadas pelos sujeitos históricos, resgatando *a priori* a participação do Projeto Columbia no Brasil nos anos 50 e seus desdobramentos para o conjunto da sociedade.

Assim, o que moveu o desenvolvimento desta pesquisa perpassou por uma análise do livro “*Town & Country in Brazil: a sócio-anthropological study of small Brazilian town*”, de autoria do antropólogo estadunidense Marvin Harris, tendo como foco central as temáticas da Memória e do Trabalho nele contido, na expectativa de compreender a concepção de trabalho presente, e que implicações materiais ocasionaram em Rio de Contas, observando essas questões a partir da contribuição do livro e da memória narrada pelos seus sujeitos históricos. Nesse sentido, essa obra foi tomada como principal fonte documental, buscando dialogar com outras produções que contribuíssem, do ponto de vista do contexto histórico, para a análise das categorias referenciadas na pesquisa. Sendo assim, procuramos: Reconstruir a Memória do Trabalho dos anos 50 no município de Rio de Contas, a partir dos estudos feitos por Marvin Harris, tendo como foco central as relações de produção capitalistas.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

46

1. MATERIAL E METODOS

Para dar conta do objeto numa perspectiva crítica do contexto dos anos 50, tomamos por método o materialismo histórico e, sob tal prisma, interpretamos as fontes documentais do período, à luz das informações contidas no citado livro de Marvin Harris. Nessa ótica, concebemos a produção do conhecimento como um processo que metamorfoseia o real concreto com o real pensado, partindo da transitoriedade da idéias dos contrários que, ao mesmo tempo em que nega, afirma, que separa, se relaciona, exclui, inclui. Entendemos o materialismo histórico na mesma ótica de Mehring (1977), que o vê não como um procedimento fechado, rematado por uma verdade definitiva, mas como um método científico para a investigação dos processos de desenvolvimento humano.

Tomamos como aporte teórico o debate em torno das categorias Memória e Trabalho. A primeira está, nesta pesquisa, no centro dos estudos sobre o Trabalho, como um dispositivo que marca os registros de subjetivação calcados nas exigências objetivas, concretas da vida humana. Nesse sentido, entendemos que, sob o capitalismo, a Memória do Trabalho está dominada pelo capital, não sendo possível a sua realização (acumulação e reprodução) sem a ação de seus agentes sociais, ou seja, as classes em disputa. Revisitando Mark, (2006) podemos analisar a obra de Marvin Harris sob à luz do materialismo histórico e compreender as contradições posta na produção desse espaço.

Perseguindo essa trajetória, realizamos um levantamento bibliográfico no qual, de início, detectamos alguns trabalhos da professora e antropóloga Consorte (relatos, entrevistas etc.), onde ela descreve a sua participação como auxiliar de pesquisa nos estudos realizados por Marvin Harris durante a execução do Projeto Colúmbia. Ao longo de vários meses ela trabalhou na coleta de dados sócio-econômicos e culturais da vida cotidiana das pessoas desse município. Tais publicações foram resultado dessas suas experiências e hoje nos serve de importantes fontes de pesquisa.

Por sua vez, a pesquisa desenvolvida por Marvin Harris – posteriormente transformada em livro –, foi fruto e parte integrante do Projeto Columbia. No estudo, realizado no município de Rio de Contas entre 1950 e 1951, o autor aponta, de modo implícito, a presença marcante das relações de produção em todas as esferas: social, política, cultural e econômica. Resgata a história do lugar, enfatizando questões da vida das pessoas, seu passado, suas crenças, suas condições materiais, suas possibilidades de articulação com outros espaços – por meio da cultura e do comércio – e de sua origem aurífera, seu aspecto geográfico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os trabalhadores enfrentavam na época péssimas condições de trabalho, desemprego alarmante em função da decadência da extração aurífera que construiu socialmente um contingente de delinquência no período que fez abrir espaço para violência e o aumento da criminalidade com roubos, furtos e assassinatos. Pensar o perfil do trabalhador do período da extração e decadência do ouro, mesmo que de forma sucinta, é fundamental para entender as relações de trabalho dos anos cinquentas. É na esteira dessa realidade que Marvin Harris



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

47

traça o perfil do trabalhador dos anos 50 ao percebê-lo enquanto uma peça fundamental ao resgate de uma Memória subterrânea que a história oficial muitas vezes não abordou. Harris trata em seu livro “Town and country in Brazil” que os trabalhadores dos anos cinquenta sofrem a herança dos processos aviltados de trabalho do passado, quando em sua vida cotidiana buscam na luta, a sobrevivência, quer seja no campo ou na cidade. No campo acentua-se a noção da propriedade privada e o aumento da concentração do latifúndio através do processo jurídico de posse pelas famílias e apropriação indevida das terras, que como consequência provocou um profundo êxodo rural para a cidade e para lugares longínquos.

REFERÊNCIAS

CONSORTE, J. Itinerário de uma pesquisadora: sucesso e percalços. In: MAGALHÃES, Livia D. R; CASIMIRO, Ana Palmira S. **Memória e Trajetória de Pesquisa**. Campo Grande, MS: UNIDERP, 2005. p. 57-78. (Verificar se essa data é a mesma das citações do texto que estão Consorte, s/d).

HARRIS, M. **Town & Country in Brazil**: a social-anthropological study of a small Brazilian town. New York, EUA: The Norton Library, 1956. 307 p.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 2006.

MEHRING, Franz. **O materialismo histórico**. s/l: Antidoto, 1977.

A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Márcia Santos da Silva¹

¹Graduanda Licenciatura Plena em Geografia Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV,
marcia.serrinha18@hotmail.com

Palavras-chave: Música, geografia, ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A geografia, como ciência social, estuda o espaço geográfico de modo a analisar, discutir e compreender as suas relações. A música por abranger diferentes temáticas, possibilita o professor de geografia a trabalhar e relacionar diferentes temas, assuntos, conteúdos.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

48

Neste contexto, a utilização da música como recurso didático-pedagógico surge como uma proposta interdisciplinar a ser inserido nas aulas de geografia, de modo que auxilie na formação do senso crítico do aluno e na construção do sujeito ativo na sociedade.

Tendo em vista a necessidade da construção de cidadãos cada vez mais críticos, a música se apresenta como uma importante ferramenta a ser utilizada em sala de aula. Contudo, é pertinente destacar que existe ainda uma grande dificuldade em encontrar disponível e/ou de fácil acesso acervos desta didática lúdica, ou seja, falta produção de material didático que apresente sugestões de como trabalhar com a música atrelada aos conteúdos geográficos. Isso facilitaria muito o planejamento do professor.

A música está presente em nosso cotidiano. Sendo um recurso interativo e envolvente que pode expressar sensações, emoções e percepções sobre as realidades em torno e no espaço-temporal que vivemos.

Isso depende muito do cognitivo de quem a ouve e qual a ligação que essa pessoa faz com determinada música, atrelado com a sua realidade, referência e /ou experiência de vida. Daí a importância do seu uso para o ensino e aprendizado da geografia, uma vez que o espaço geográfico também é resultado destas produções nas instâncias econômica e cultural-ideológica (SANTOS, 1997).

Partindo dos pressupostos construtivistas o conhecimento deve ser um processo adquirido ativamente ao longo dos anos mediante as relações com pessoas, objetos, lugares. E com apoio nas diretrizes básicas da educação brasileira, o objetivo principal desse trabalho é propor a utilização da música como recurso que possa ser utilizado nas aulas de geografia, possibilitando a construção do senso crítico do aluno.

A música passa a ser a mediadora, ou seja, utilizada como referência para abordar os temas, assuntos e problemáticos presentes na letra das músicas, assim como o contexto histórico das mesmas. Esses fatores possibilitam ao aluno entender e compreender cada canção, de modo também a associa-las com a sua realidade. Bem como, contextualizar os conteúdos de geografia com a música.

As músicas utilizadas nas aulas podem conter questões relacionadas tanto à geografia física, abordando clima, relevo e/ou vegetação, como também localização, questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Um livro didático perfeito em que todos os aspectos mencionados estejam de acordo com as maiores exigências, não existe. É fundamental ao professor buscar outros recursos para suprir tais deficiências (CASTROGIOVANI e GOULART, 1999, p. 131 apud SOUZA e PEREIRA 2008).

É necessário que ao aplicar esse recurso nas aulas de geografia, o professor tenha feito um plano de aula que contemple os pontos importantes presentes nas músicas, para que possam ser discutidos com os alunos. As músicas utilizadas nas aulas devem estar relacionadas com os conteúdos que estão sendo estudados para que não sirvam apenas como entretenimento e/ou distração.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

49

CONTEXTO HISTÓRICO DA MÚSICA

Não se sabe com exatidão onde e quando a música realmente surgiu. Alguns estudiosos acreditam que a música existe desde a era pré-histórica, onde os homens das cavernas davam à sua música um sentido religioso. Consideravam um presente dos deuses e atribuíam-lhe funções mágicas. Associada à dança, ela assumia um caráter de ritual, pelo qual as tribos reverenciavam o desconhecido, agradecendo-lhe a abundância da caça, a fertilidade da terra e dos homens.

Com o ritmo criado - batendo as mãos e os pés -, eles buscavam também celebrar fatos da sua realidade: vitórias na guerra, descobertas surpreendentes. Existem hoje em dia diferentes ritmos musicais, sendo compreendidos e executados de diferentes maneiras, expressando variados e diversos assuntos. As músicas expressam em suas letras o cotidiano, o espaço geográfico, o contexto histórico de cada época e região. Ou seja, “a música nos serve como um espelho da sociedade e de suas relações com o meio” (GODOY, 2009).

A música sofreu grande interferência na época da Ditadura Militar no Brasil, ocorrida de 1964 a 1985. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. A música, importante difusora de ideais, foi um dos meios de comunicação que foi duramente censurada nessa época. Isso não faz ter ideia do poder que a música tem na sociedade. Em suas letras, muitas vezes, estavam frases e/ou palavras subliminares de protestos contra esse regime. Para censurar a arte e as suas vertentes, foi criada a Divisão de Censura de Diversões Públicas - DCDP, por onde deveriam previamente, passar todas as canções antes de executados nos meios públicos. Vários compositores foram obrigados a retirar ou modificar frases inteiras de suas canções por serem consideradas obscenas e/ou imorais, ou que denegriam a imagem do governo da época.

MATERIAL E MÉTODOS

Os procedimentos metodológicos adotados foram a realização de pesquisas e revisão bibliográficas de materiais impressos e em meio digital acerca do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizando a música “asa branca” nas aulas de geografia

Em 18 de agosto de 2008 entrou em vigor a lei nº 11.769 que torna obrigatório a inserção do ensino de música na grade curricular da educação básica de escolas particulares e públicas. O intuito principal dessa lei não é a de formar músicos profissionais ou especialistas nessa área, mas de possibilitar o aluno a conhecer diferentes culturas e épocas, desenvolver sua criatividade, entrar em contato com outras linguagens.

Essa lei causou polêmica nas escolas ao ser questionado que muitos professores não são capacitados nessa área, visto que, não foi aprovado, pelo então presidente da república Luís Inácio Lula da Silva, a contratação de professores formados em músicas, podendo qualquer professor lecionar essas aulas.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

50

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, art. 53) declara que toda criança e adolescente têm direito a educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania [...] e que no processo educacional deve-se respeitar valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.

A música ao ser produzida sofre influência do espaço geográfico e do tempo histórico em que ela está inserida. Ela pode expressar sentimentos, costumes e ideologias de um povo ou nação. A música “Asa Branca” composta pelo pernambucano Luiz Gonzaga, juntamente com o carioca Humberto Teixeira em 1947, é um exemplo disso. Essa é uma música muito conhecida, que traz consigo inúmeras questões que podem ser discutidas em sala de aula, já que abrange vários conteúdos. Porém, muitas vezes, alguns conceitos passam despercebidos nas discussões em sala de aula. Será feita uma pequena análise de alguns trechos dessa música, seguidos juntamente com alguns referenciais teóricos que podem auxiliar o professor de geografia nos conceitos a serem trabalhados nas aulas.

A escolha dessa música como discussão principal, parte da ideia de (re) construção de um novo olhar, um olhar geográfico e crítico diante dos acontecimentos.

No trecho, por exemplo, “*Quando oiei a terra ardendo, Qual a fogueira de São João*” deve-se compreender que o fator principal não é representar a fogueira, a terra e/ou o próprio São João simplesmente como objetos, mas como representações cercadas de simbologias. Isso é o que se propõe aqui a ser discutido nas aulas de geografia, o contexto, o cenário e suas relações.

A expressão “*terra ardendo*” pode estar relacionada à seca, característica do clima semiárido, pelo fato de ser uma região de baixa umidade e pouco volume pluviométrico. Nesse quesito pode ser caracterizado o clima e a vegetação de cada local e das diferentes regiões do Brasil e do mundo. Um exemplo de livro que, pode ser utilizado como referência teórica para os professores, que aborda os fenômenos climáticos é *Climatologia: Noções Básicas e Climas do Brasil* (2007), de Francisco Mendonça e Inês Moresco de Oliveira. Pode ser discutido também a interferência do clima e da vegetação nos costumes, vestuários, moradia e modo de vida das pessoas de determinadas épocas e regiões.

O São João, por sua vez, é uma festa cultural muito importante no Brasil e principalmente no nordeste. De acordo com historiadores, foi trazido para o Brasil pelos portugueses. Influenciada pela França, China, Espanha e Portugal. Com o passar do tempo, misturaram-se aos aspectos culturais dos brasileiros (indígenas, afro-brasileiros e imigrantes europeus) nas diversas regiões do país, tomando características particulares em cada uma delas, ou seja, contextualizando-se.

A cultura brasileira é muito diversificada, sofrendo influência de vários povos e culturas. Essa diversidade cultural pode ser trabalhada com os alunos, incentivando-os também a pesquisar sobre as manifestações culturais das diferentes regiões do Brasil e sobre suas origens e influências.

Em “*pra mim vortar pro meu sertão*” pode ser trabalhado os conceitos de território e territorialidade, no qual o termo “*meu sertão*” expressa um sentimento de pertencimento ao lugar. Esses conceitos são discutidos por autores como Manuel Correia Andrade aborda as questões do território no Brasil (1995) e Milton Santos nas obras *Espaço e Método* (1997), *A Natureza do Espaço* (2004) e dentre outras.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

51

Bem como, na obra Geografia: Conceitos e temas, organizado por Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Iobato Corrêa (1995).

É essencial o aluno compreender as múltiplas interações entre sociedade e natureza nos conceitos de território, lugar e região, explicitando que, de sua interação, resulta a identidade das paisagens e lugares (PCN, 2008, p. 98).

"Intonce eu disse, adeus Rosinha, Guarda contigo meu coração", nessa frase é perceptível tanto um sentimento amoroso quanto uma crítica. A ideologia que se criou da região sudeste como sendo o único centro das oportunidades, fez com que muitas pessoas, principalmente das regiões Norte e Nordeste do país migrassem em busca de melhores condições de vida, fato esse que muitas vezes não acontecia. Primeiro pelo despreparo profissional da maioria das pessoas que saíam em direção a essas regiões e segundo pelo fato de que essas cidades não tinham e/ou tem estrutura para oferecer emprego e moradia adequada para todas essas pessoas. O livro de Manoel Corrêa de Andrade Geografia Econômica (1998) traz discussões acerca dos vários tipos de migrações e imigrações, além de conceitos como: populoso e povoado, densidade demográfica, crescimento vegetativo, dentre outros.

Alguns fatores regionais, transmitidos na música, como o modo de falar expresso nos termos “prantação”, “vortar”, “fornaia”, por exemplo, pode voltar-se para os preconceitos e os estereótipos existentes contra as pessoas que moram na zona rural e região. É importante o aluno entender a importância de

conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (PCN, 2008, p. 07).

Essa temática é discutida também pelo pernambucano Marcos Bagno, doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, em seu livro Preconceito Linguístico: o que é, como se faz (2009), no qual o autor direciona seu discurso para a educação linguística voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira.

CONCLUSÕES

Enfim, a música é um importante recurso informativo, e esse quesito deve ser aproveitado nas aulas, principalmente de geografia. A sua utilização em sala de aula deve seguir um propósito, para que esta não sirva apenas como entretenimento nas aulas. Discussões acerca dessas músicas são fundamentais, principalmente se estiverem envolvidas com os conteúdos que estão sendo estudados. As aulas de geografia devem ser espaços onde o aluno se sinta a vontade em questionar, articular idéias e expressar sua opinião. Compreendendo que estas não se resumem apenas em decorar nome de rios e países e desmistificando a idéia de que a geografia é algo que só se veremos nas aulas de geografia.

A música tem o poder de representar sentimentos, épocas e culturas, e essas relações que existem entre o autor/compositor e o que ele propõe transmitir na letra de suas músicas são



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

52

fatores importantes que devem ser analisados para a compreensão da própria história humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Corrêa de. O Homem como Produtor e Consumidor In: _____ **Geografia Econômica**. 12 ed. São Paulo: Atlas 1998.

BAGNO, Marcos **Preconceito Linguístico**: O que é, como se faz. 52 ed. São Paulo: 2009.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do adolescente**. Secretária da educação, Lei Federal nº 8.069, de 13 de Junho de 1990.

_____. **Parâmetro Curricular Nacional – PCN** Ciências humanas e suas tecnologias. Ministério da Educação 2008 Disponível em: <
portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> . Acessado em 20 de Nov. de 2012

CASTRO, Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato.
Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

NADAL, Paula, Música será conteúdo obrigatório na Educação Básica Disponível em
<<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/legislacao/musica-sera-conteudo-obrigatorio-educacao-basica-541248.shtml>> Acesso dia 10 de Novembro de 2012.

_____. Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira **Asa Branca**, 1947. Disponível em <
<http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>> Acesso dia 24 de Novembro de 2012.

SANTOS, Milton **Espaço e Método** 4 ed. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp. 4ª ed. 2004.

Sua Pesquisa Ditadura Militar no Brasil. Disponível em <
<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>> Acesso dia 08 de Novembro de 2011.

_____. História da festa Junina e tradições. Disponível em <
http://www.suapesquisa.com/musicacultura/historia_festa_junina.htm> Acesso dia 21 de Novembro de 2012.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEREIRA, Elvira Maria **Músicas Caipiras no Contexto e o Ensino da Geografia Agrária**, Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas Três Lagoas – MS – Nº 7 – ano 5, Maio de 2008.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

53

**PROPOSTA DE ZONEAMENTO GEOAMBIENTAL PARA A BACIA DO RIO
ALMADA- BAHIA**

SANTOS, Naiara Gonçalves dos¹; FRANCO, Gustavo Barreto²

¹ Bolsista de Iniciação Científica da Fapesb; Graduanda em Licenciatura em Geografia - Departamento de Ciências Humanas – Campus IV - Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: naiara15.gon@hotmail.com ² Professor Assistente do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV - Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Palavras-chave: Planejamento Ambiental, Sistema de Informação Geográfica, Uso e Ocupação do Solo.

INTRODUÇÃO

A Bacia do Rio Almada tem sido objeto, nos últimos anos, de diversos estudos e publicações em diferentes áreas do conhecimento. O interesse despertado pelo conjunto que compõe esta bacia está relacionado à grande diversidade de ambientes naturais e antropizados encontrado dentro de seus limites. Além dos conflitos ambientais associados à falta de saneamento básico, ocupação desordenada do solo, pesca predatória dentre outros desequilíbrios socioambientais, percebe-se que o uso e ocupação do solo da bacia é algo preocupante no futuro. Tendo em vista a importância biológica e sua grande importância econômica, faz-se necessário uma análise integrada dos componentes antrópicos e naturais, a partir de uma caracterização geoecológica, tornando possível a caracterização Geoambiental da região, visando assim elaborar uma proposta de Zoneamento Geoambiental da Bacia do Rio Almada.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho tem como objeto de estudo a Bacia do Rio Almada (BHRA), que compõe a Bacia do Leste, localiza-se na região Sul do Estado da Bahia, limitada a norte e a oeste com a Bacia do Rio de Contas, a sul com a Bacia do Rio Cachoeira e a leste com o Oceano Atlântico. Que segundo Gomes et al. (2010), é um dos principais sistemas naturais da Região Cacaueira, onde se encontra área significativa de vegetação natural chamado de bioma Mata Atlântica, com florestas secundárias, restingas, manguezais. Abrange uma área de 1.575 km², está inserida total ou parcialmente nos municípios de Almadina, Coaraci, Ibicaraí, Barro Preto, Itajuípe, Itabuna, Ilhéus e Uruçuca, todos abastecidos completamente ou em parte pela água desta bacia. Para o desenvolvimento do presente trabalho, optou-se seguir a metodologia fundamentada na proposta de Marino e Lehugeurb (2007), qual adota uma abordagem sistêmica, fundamentada nas concepções metodológicas da Teoria Geral dos Sistemas (Bertrand, 1972; Bertalanffy, 1975; Tricart, 1977) que, em síntese, buscam esclarecer a inter-relação e a interdependência dos componentes geoambientais, possibilitando a divisão da paisagem física. Na primeira etapa da metodologia elaborou-se a revisão bibliográfica. Na segunda etapa do trabalho, foi realizada uma revisão sistemática dos levantamentos Morfométrico e Superficial da Paisagem: geomorfologia, declividade, hidrografia, solo,



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

54

geologia e uso e ocupação do solo. E a consolidação da base cartográfica da área da bacia, de modo a possibilitar o conhecimento das condições de suporte ao estudo proposto. E na terceira e atual etapa do trabalho, está sendo elaborados os mapas que irão compor o mapa de Zoneamento Geoambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento de dados e informações atribuídos à área de estudo, pode-se elaborar uma breve análise dos componentes geoambientais, permitindo assim, um levantamento das características peculiares dos componentes ambientais da paisagem em estudo, desta forma a tabela 1, apresenta os atributos analisados, bem como suas principais características.

Tabela 1: **Atributos de análise e suas principais características.**

ATRIBUTOS	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
DECLIVIDADE	As cotas altimétricas distribuem-se entre 0 e 370 metros, os topos de morros chegam a atingir 1050m.
GEOLOGIA	Complexo Almadina; Complexo Ibicaraí; Complexo São José; Formação Sergi; Formação Urucutuca; Formação Candeias; Formação Itaparica; Grupo Ilhas; Grupo Barreiras; Grupo Intrusivo Ibirapitinga.
GEOMORFOLOGIA	Domínio das Serras e Maciços Pré-Litorâneos; Domínio dos Tabuleiros Pré-Litorâneos; Domínio dos Tabuleiros Pré-Litorâneos da Bacia Sedimentar do Amada; Domínio da Depressão Itabuna-Itapetinga e Domínio Geomorfológico dos Depósitos Sedimentares Quaternários.
HIDROGRAFIA	A área da bacia possui 1575 Km ² , a cabeceira está localizada na Serra do Chuchu, no município de Almadina, e sua foz na Barra de Itaípe, no município de Ilhéus, apresenta 138Km de extensão. A forma da drenagem é do tipo paralelo, orientado para NNE-SSO, com exceção de seu baixo curso, em que assume um padrão geral dentrítico.
SOLO	Argissolos, Latossolos, Luvisolos, Cambissolos, Espodossolos, Neossolos, Organossolos E Gleissolos.
USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	Restingas, áreas úmidas, floresta de Mata Atlântica, cabruca, corpo d'água, área urbana, solo expostos, pastagem e cultivo de subsistência.

CONCLUSÕES

Os dados e informações obtidas permitiram um maior embasamento teórico sobre a temática atinente ao trabalho proposto, bem como suas metodologias e aplicações. A presente pesquisa encontra-se em andamento, a próxima fase trata-se do cruzamento da base cartográfica (atributos ambientais) para a realização do zoneamento geoambiental, fundamentada na geomorfologia e na sua capacidade de suporte, vulnerabilidade e estabilidade, por meio da proposta ecodinâmica de Tricart, irá delimitar e hierarquizar os sistemas ambientais, em unidades homogêneas.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

55

REFERÊNCIAS

- ARCANJO, J. B., *et al.* **Programa de Levantamento Geológico do Básico do Brasil, Itabuna, Folha SD-24-Y-B-VI. Estado da Bahia.** Escala 1:100.000. Brasília: CPRM, 1997. V. 1, 276p.
- BERTALANFFY, L.V., 1973, **Teoria geral dos sistemas.** (Teoria de sistema, 2). Tradução de Francisco M. Guimarães. 2.ed. Petrópolis: Vozes, Brasília, INL, 351p.
- BERTRAND, G., 1972, Paisagem e geografia física global. **Caderno de Ciências da Terra**, Instituto de Geografia, USP, **13**: 1-27.
- GOMES, R. L. et al. **Implantação do laboratório análise e planejamento ambiental da UESC: projeto piloto – avaliação da qualidade ambiental da bacia do rio Almada e área costeira adjacente.** Ilhéus (BA): UESC, 2010. Relatório Final. FAPESB: 056/2006
- MARIANO, M. T. R. D; LEHUGEUR, L. G. de O. Zoneamento geoambiental do município de Amontoada costa oeste do estado do Ceará. **Revista de Geografia**, UFC. Fortaleza-CE. vol. 20, nº 1, 39-55, 2007.
- TRICART, J., **Ecodinâmica** (Recursos naturais e meio ambiente). IBGE/SUPREN, Rio de Janeiro, 91p.1977

HISTÓRIA URBANA DA CIDADE DE ILHÉUS

Poliana Teixeira da Fonseca¹, Ednice de Oliveira Fontes² & Maurício Santana Moreau³

¹Graduanda em Bacharelado em Geografia, Bolsista de Iniciação Científica do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais; ²Doutora em Geografia e Professor Titular do Departamento de Ciências Ambientais e Agrárias– Universidade Estadual de Santa Cruz(UESC); ³Pós Doutor em Ciências Agrárias e Professor Titular do Departamento de Ciências Ambientais e Agrárias – Universidade Estadual de Santa Cruz(UESC)

Palavras –chave: História, memória e cidade

INTRODUÇÃO

A partir do histórico econômico, social e cultural da cidade de Ilhéus, pode-se regressar ao passado para a compreensão das suas formas atuais expressadas no espaço e na paisagem visto que estes dois conceitos não se dissociam do tempo: a paisagem e o espaço.

A paisagem é dada como o conjunto de elementos naturais e artificiais que caracterizam uma determinada área, ou ainda, a paisagem pode ser entendida como uma porção daquilo que é



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

56

visível. A paisagem abarca um conjunto de objetos reais e concretos, uni o passado e o presente em suas formas. O espaço é o produto da integração da sociedade nestas formas e objetos presentes na paisagem que não mudam de lugar, e sim de funções e significação, elas mudam e são criadas de acordo com o tempo e o momento histórico.

Sob a perspectiva destes dois conceitos elencou-se neste trabalho as principais características físicas e estruturais descrevendo como se deu a ocupação no Sul da Bahia, primeiramente como capitania do São Jorge dos Ilhéus, chegando a Era de Ouro (auge da lavoura cacaueteira) até os dias atuais.

MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades desenvolvidas constituíram-se inicialmente no levantamento teórico – conceitual de algumas obras referentes às questões relevantes relacionadas à cidade e história e dados secundários para caracterizar que foram coletados em livros e artigos científicos. Os dados coletados foram analisados sob a perspectiva qualitativa, a qual esta associada a compreensão, interpretação e descrição dos fenômenos. A leitura é acompanhada por técnicas de armazenamento, como por exemplo, fichamentos. Para a realização das interpretações do espaço e da paisagem de Ilhéus foi necessário análise de fotografias tanto de tempos pretéritos quanto atuais, uma vez que a fotografia permite ilustrar e reforçar o que já foi escrito

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Milton Santos para a compreensão da história urbana é necessários o entendimento de duas idéias: a de forma e a de tempo. A forma seria um aspecto visível de uma coisa, sendo assim, “o resíduo de estruturas que foram presentes no passado. Destas, algumas já desapareceram da nossa visão, e as vezes mesmo do nosso entendimento. Nos conjuntos que o presente nos oferece, a configuração territorial, apresenta ou não em forma de paisagem, é a soma de pedaços de realizações atuais e de realizações do passado”. [1]

O tempo é indissociável do espaço, pois o espaço é o palco onde ocorrem os processos históricos ao longo do tempo e a cada nova forma vinculada ao espaço e ao tempo surgem outras funções decorrentes dos novos elementos do espaço. Dessa maneira, a função, que dá sentido a forma uma vez que não existe objeto no espaço sem função, e esta função é dada pelo tempo que é modelada aos modos de produção e pela sociedade. Estes elementos, forma e função, estão inseridos no espaço e o conjunto deles é a paisagem que neles são expressados no decorrer do tempo histórico representando as relações do homem com a natureza.

As cidades brasileiras do século XVII e XVIII foram criadas a partir de sistemas agroexportadores escravocratas e monoculturas como a da cana-de-açúcar, assim a arquitetura deste período foi condicionada pela formação social e econômica do Brasil, sobretudo em toda a sua faixa litorânea. Com a chegada dos europeus, a presença dos indígenas já existentes e dos escravos africanos houve uma miscigenação de culturas o que marca os traços culturais característicos na formação do espaço brasileiro.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

57

A partir desta mistura de culturas, sobretudo dos europeus com o seu barroco português, que são construídas as igrejas de origem erudita, como arquitetura religiosa. As residências deste século são de formas alongadas ocupando todo o lote distinguindo-se entre si pelo status social. Os palácios, casarões, conventos prefeituras e câmaras como arquitetura civil que mantinha a função seja pública ou privada.

Devido à aceleração do tempo houve uma mudança de funcionalidades em Ilhéus, como resultado dessas novas funcionalidades trazidas pelos novos elementos contidos no espaço, assim, Santos [2] traz a concepção de rugosidades que é justamente formas que no passado tinham uma determinada função e com o passar do tempo adquirem outras, essa rugosidade “é o espaço como acúmulo desigual de tempos” e podem ser chamadas de paisagem, elas existem através das formas inseridas no espaço, criadas ao longo da história coexistindo com os momentos atuais e os momentos passados. Estas rugosidades são explícitas nas ruas de Ilhéus, sobretudo no centro histórico, na rua Antonio Lavigne de Lemos e no Calçadão Jorge Amado

Em Ilhéus, muitas casas no passado eram os casarões onde moravam os grandes coronéis, fazendeiros de cacau e comerciantes, registram o alto poder aquisitivo dessas pessoas na região, no entanto, hoje esses casarões deram lugar ao comércio da cidade, com lojas de roupas, sapatos, óticas, clínicas, etc.

A Catedral de São Sebastião pode ser considerada um marco da imponência dos senhores do cacau, pois sua construção antiga com estilo gótico e barraco, datada de 1765, foi derrubada em 1927 e logo em seguida levantada uma igreja “visto que os coronéis queriam visibilidade para a catedral imponente que Ilhéus possuía”. [3]. Porém, muitas formas ainda conservam a memória da cidade desde quando Ilhéus ainda era uma capitania, com a Igreja Matriz de São Jorge construída em 1723, de arquitetura neoclássica, guarda o Museu de Arte Sacra, expondo objetos de séculos anteriores, como cálices, estolas, cátedras, etc.

A Associação Comercial de Ilhéus, criada em 1912 para defender os interesses dos comerciantes e dos produtores. Segundo Soub [4], o prédio antes do desenvolvimento da lavoura cacauera esteve um longo período completamente abandonado e esquecido, mas com o cacau, entrou numa fase de utilidade.

O Palácio Marquês de Paranaguá foi inaugurado em 1907, com o intuito de abrigar a sede da Prefeitura Municipal, ainda conserva seus traços originais e sua função. Oliveira (2004) apud IPAC [5] descreve o Palácio como um “edifício de relevante interesse arquitetônico, construído para sede Municipal. Possui planta retangular desenvolvida, em dois pavimentos, em torno de um grande vestíbulo central, onde está localizada a escadaria, tipo imperial”.

O Bar Vesúvio é uma das casas comerciais mais antigas de Ilhéus, sua construção é datada de 1919, antigamente funcionava uma pastelaria e inspiração para muitas obras de Jorge Amado. Embora, a maioria dos seus proprietários sempre foram estrangeiros, não se perdeu a fisionomia original do estabelecimento .

CONCLUSÕES

Diante do que foi exposto, conclui-se que as marcas do passado ainda perdura e sustenta a identidade cultural na cidade de Ilhéus. O espaço e a paisagem foram modelados e



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

58

modificados ao longo do tempo, porém cada detalhe de sua arquitetura que marcaram períodos históricos desde a sua criação até os dias atuais, continuam mesmo que mudem de função, ainda fazem parte da memória coletiva do povo Ilheuense.

Os novos meios de produção alguns estabelecimentos mudaram de funcionalidade, mas outros, devido às atividades turísticas, muita da sua arquitetura não foi perdida conservando e preservando assim sua a memória da cidade. Em meio a sua arquitetura, Ilhéus mescla um passado de capitania com estilos góticos, barrocos e neoclássicos com o do poder que o desenvolvimento econômico da lavoura cacaueteira significou para os alguns habitantes, tornando assim uma cidade de Ilhéus é rica em sua história e arquitetura.

Assim, atribui-se a importância da História no contexto geográfico contribuindo para um melhor entendimento das formas nos espaço urbano tanto passadas quanto presentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 190p
- [2] SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed São Paulo: Hucitec, 2004. 236 p
- [3] OLIVEIRA, Polliana Almeida Rabelo Albagli. Patrimônio cultural e natural em Ilhéus/BA: urgência da interpretação para a preservação e a promoção do turismo. Ilhéus, 2004. v.1 Dissertação(Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Cultura e turismo
- [4] SOUB, José Nazal Pacheco. **Minha Ilhéus: fotografias do século XX e um pouco da nossa história**. 1. ed Ilhéus: Agora, 2005. 178p

OFICINA PEDAGÓGICA: INSTRUMENTO FACILITADOR NA APRENDIZAGEM DO CONCEITO DE PAISAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

Quele Oliveira de Jesus⁽¹⁾, Dhione Andrade Figueredo⁽²⁾,

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID/CAPE. Professora de Geografia do Colégio Oásis de Jacobina – BA, integrante do [Núcleo de Estudos Geográficos - NEG - UNEB](#). quelephn@hotmail.com ²

² Graduando do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID/CAPE, integrante do [Núcleo de Estudos Geográficos - NEG – UNEB](#), dhionegeo@hotmail.com.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

59

RESUMO

Palavras-chave: paisagem; oficina pedagógica, ambiente escolar

INTRODUÇÃO

Como toda ciência, a Geografia garante condições em que ensinar e aprender criticamente é possível, visto que ultrapassa barreiras, decifra símbolos, compreende e interpretam com profundidade as produções do espaço, além de visualizar os elementos, os arranjos e objetos/sujeitos entrelaçados nos arcações das estruturas, formas, funções e processos espaciais. Deste modo, contemplam as práticas de construção e reconstrução do conhecimento, ampliando a capacidade do indivíduo na compreensão do mundo em que vive e atua.^[1] (CAVALCANTI, 2005).

Vale ressaltar que para isso acontecer é necessário que o educador tenha e/ou continue tendo experiências na produção de certos saberes, permitindo-o autonomia, colocando-se como verdadeiro sujeito no processo da (re) construção dos saberes^[2] (FREIRE, 1996). Desta forma, o ensino de Geografia contribui para a formação de cidadãos ativos, pois são mais do que titulares de direitos, são criadores de novos direitos e novos espaços, consolidando novos sujeitos políticos, cientes de direitos e deveres na sociedade.^[3] (BENEVIDES *apud* CAVALCANTI, 2005).

Este trabalho aborda a importância das oficinas pedagógicas como facilitadoras no processo de ensino/aprendizagem das categorias geográficas, dando ênfase ao estudo de paisagem.

O objetivo principal é lançar uma proposta metodológica de oficina por perceber que sua aplicação em sala de aula vai estabelecer uma relação de troca de experiências, possibilitando que a aquisição do conhecimento ocorra de forma prazerosa.

Na oficina surgem novos tipos de relação entre aluno e professor. Criam-se novos laços e troca de experiências. O professor se posiciona como condutor e também aprendiz do processo. Portanto é um método que necessita da coletividade na relação professor/ aluno para que seus resultados sejam alcançados.

MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar os objetivos, foram realizados estudos, abordagens pedagógicas, metodológicas e teóricas bem como observações em sala de aula para um melhor planejamento da oficina a ser realizada como atividade interventiva.

Partindo do pressuposto da importância do estudo da paisagem local, utilizamos como objeto de análise, os alunos do 2º ano – Ensino médio do Colégio Estadual de Quixabeira, do pequeno município de Quixabeira – Ba, através do PIBID (Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação a Docência) inserido no colégio em 2012 com o subprojeto, “As geografia do sujeito: categorias, identidades e saberes na escola”, a participarem da oficina Pedagógica, intitulada “ Olha o Passarinho! Olhar geográfico sobre a paisagem local”, uma vez que foi observado que durante as aulas de geografia a turma se apresentou dispersa nas atividades



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

60

e por acreditarmos que essa prática possa contribuir para uma melhor compreensão do conceito de paisagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por sua vez, com sua intervenção, com seus gestos, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço (CAVALCANTI, 2010. p.24).

As palavras de Cavalcanti nos impulsionam a aprofundarmos mais na discussão em torno da compreensão da relação homem e lugar, proporcionando uma construção de (re) leitura da paisagem em diálogo com a identidade.

CONCLUSÕES

Com a aplicação da oficina, espera-se que o aluno adquira um novo para a paisagem e compreenda que não apenas as chamadas “belas paisagens” podem ser contempladas, mas sim tudo que os cerca, pois será a partir daí que a reflexão crítica a cerca do seu entorno vai acontecer de forma transformadora, adquirindo valor ao lugar e intensificando cada vez mais suas raízes identitárias.

REFERÊNCIAS

- [1] CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**, Goiânia: Editora Alternativa, 2005
- [2] FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários a Prática Educativas**, São Paulo, Paz e Terra, 1996
- [3] BENEVIDES *apud* CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**, Goiânia: Editora Alternativa, 2005

O PANÓPTICO LÁ DE CASA: O SIGNO DOS QUADROS FOTOGRÁFICOS NO VALE DO SALITRE



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

61

¹ Graduando em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV Jacobina;
raiancosmopolita@hotmail.com.br.

RESUMO

Palavras-Chave: Quadro de fotografia • Mecanismo disciplinar • Bacia do Salitre

Este trabalho foi encetado na disciplina acadêmica “Imagem no ensino de História”, disciplina essa que curso na UNEB Campus IV Jacobina, ministrada pela Professora Claudia Andrade Vieira, a quem agradeço pela orientação nessa seminal proposta.

INTRODUÇÃO

O poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht em uma de suas recomendações joviais e ácidas nos aconselha que dediquemos o nosso tempo as novas coisas más e deixemos que as boas coisas velhas se enterrem. Essa recomendação de Brecht é particularmente propícia quando nos referimos a costumes e práticas arraigados em ranços acrílicos, costumes que reproduzem morais opressoras, instaurando pactos tácitos de respeitabilidade e sobreposições de gerações. Esse cenário fomentador de insatisfações e até repulsa me incentivou a pesquisar sobre os quadros fotográficos de pais no Vale do Salitre, uma vez que, essa tradição sempre me instigou à crítica, por se sentir incomodado com a reiteração normativa dela no meu Lugar. Tendo como basilar a demarcação dos antepassados familiares em casa esse costume é visto aqui como portador de significados não explícitos que produzem sujeições reais que nascem de relações fictícias, aproximando-o com pertinência do mecanismo disciplinar Panóptico imortalizado pelo filósofo e historiador Michel Foucault. A escolha do Vale do Salitre não é por um acaso, a ênfase dada a ele se justifica por suas características de conjugar de forma ímpar grande níveis de pobreza e representações marcadamente tradicionais. O Vale se insere de modo periférico nos atuais processos de desenvolvimento do Estado da Bahia, contexto que se constitui excelente para traçar um fio condutor entre mecanismos de ordem psicológicos e espaços sociais condicionados por políticas regionais conservadoras. Razão pela qual entendo a tradição dos quadros fotográficos de pais no Vale do Salitre dentro de uma geografia própria, ou seja, sua incidência no Vale está sujeita a características geográficas e sociais como: Distância do Rio Salitre, escolaridade e IDH. Na lógica deste trabalho a tradição resiste com mais afincos no interior da Bacia Hidrográfica, tornando-se mais obsoleta nas extremidades, além do perfil humilde e envelhecido das residências onde se encontram, com baixo nível de escolaridade dos mantenedores e diminuto Índice de Desenvolvimento Humano no geral. Por esse motivo, não podemos dissociar cultura de economia, tendo em vista que, produção de mercadorias se tornou cultural e que a própria cultura na sua dinâmica, analogamente, torna-se extremamente econômica e orientada pela produção de mercadorias.

MATERIAL E MÉTODOS



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

62

Essa pesquisa está no âmbito da disciplina acadêmica “Imagem no ensino de História”, disciplina essa que curso na UNEB Campus IV Jacobina, onde devo apresentar resultados que elucidem como o território do Vale do Salitre relaciona-se com determinado tipo de imagem, no caso, os quadros fotográficos de pais. Pontuando especificamente o desdobrar dessa relação para contribuição no ensino contextualizado para convivência com o semiárido e seus costumes, problematizando aspectos relacionados às tradições, rupturas e permanências, condições econômicas, e imaginários sociais. Sempre considerando que a imagem é composta por diversos signos, produzidos na relação do homem com o mundo onde está situado.

Subsidiado teoricamente pelas discussões em sala com a Professora Claudia Andrade Vieira, apresentando autores que trabalham a imagem de forma distinta e com excelência, caso de Boris Kossoy e Walter Benjamin. Pontuando também aspectos relacionados à teoria e metodologia da História, representado nessa produção pelo mecanismo disciplinar Panóptico de Michel Foucault e pela perspectiva pós-moderna ao tentar romper-se com tradições caras a contextos sociais condicionados por políticas regionais conservadoras.

Todo esse conteúdo teórico impulsionou-me a agendar uma ida a campo onde tratarei o assunto de forma interdisciplinar, ou seja, um prisma social e um geográfico. Fazer o mapeamento da tradição de quadros fotográficos de pais no Vale do Salitre, tentando provar que no interior dele a incidência normativa ainda guarda proporções impressionantes, acrescida de cenário econômico depauperante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Filtrando essa relação dos Salitreiros e a fotografia contribui para a reflexão de uma relação onde algo não pode ser silenciado, algo reclama, e é reclamado com insistência em nome de sua posição elevada na parede, que é real e imaginada, não querendo extinguir-se na arte.

CONCLUSÕES

O trabalho vai contribuir na construção de um mapa em que constará o esquadrinhamento geográfico de uma tradição, o quadro fotográfico de pais no Vale do Salitre será a mola propulsora de entendimento socioeconômico do espaço onde está inserido.

REFERÊNCIAS

- JAMESON, Fredric. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 317p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 17. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998. 262 p.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

63

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, **Projeto de Gerenciamento Integrado das Atividades Desenvolvidas em Terra na Bacia do São Francisco**, ANA/GEF/PNUMA/OEA, Relatório Final, Salvador, Bahia, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p. (Obras escolhidas; 1).

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p.152.

O PIBID COMO AUXÍLIO NAS AULAS DE CARTOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

Rayane de Souza Rios¹

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Cartografia. Formação.

INTRODUÇÃO

Uma parcela considerável dos alunos sai do ensino básico com uma noção cartográfica muito deficiente prejudicando seu desempenho posterior nas ciências geográficas, sem contar que a noção de espaço é indispensável no dia-a-dia do aluno.

A cartografia deve ser ensinada com uma dinâmica especial desde as séries iniciais, despertando nos alunos o interesse pela disciplina cartográfica, tendo em vista sua importância na aprendizagem e na vida dos alunos. No entanto a maioria das aulas de cartografia são ministradas sem nenhuma dinâmica, sem instigar nos alunos o interesse pelas noções espaciais. É a cartografia um dos elementos mais importantes na formação da noção de espacialidade e proporcionalidade do aluno. Noções essas que ajudarão os alunos a aprenderem sua localização em relação a sua rua, bairro, cidade, estado, país, mundo. Analisando esses aspectos nos surge a pergunta: Como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) pode servi de auxílio nas aulas de cartografia no ensino médio?

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de levantamentos de dados, fazendo uso de autores como Elza Yasuko Passini (1999) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de geografia buscando referencial quanto a importância do estudo da



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

64

cartografia, observações de aulas em series de ensino médio para detectar as dificuldades dos alunos com o tema e questionário com os mesmo buscando levantar o conhecimento prévio deste a cerca da cartografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os parâmetros curriculares nacionais de geografia (1999), o aprendizado por meio de diferentes formas de representação e escalas cartográficas deverá estar contemplado, no momento, em que se inicia o aluno nos estudos geográficos, como também ensinar a realizar estudos analíticos de fenômenos em separado mediante os mapas temáticos, tais como: clima, vegetação, população, solo, cultivos e agrícolas, etc.

Através de observação de aula das redes publicas no ensino médio pode-se detectar a grande dificuldade em que os alunos encontram-se para ler um mapa e encontrar algo dentro do mesmo, dificuldade essa que começa não no ensino médio, mas no ciclo do fundamental II onde a cartografia é trabalhada com mais clareza dentro da geografia. Segundo Passini (1994), as crianças recebem mapas complexos sem ter passado por processo de educação cartográfica.

A Cartografia pode ser definida como a Ciência e arte de expressar graficamente, através de mapas ou cartas, o nosso conhecimento e visão da superfície da Terra em seus vários aspectos e características.

Percebemos então que a cartografia sempre esteve presente e a partir dai a importância de se estudar mais afundo. A alfabetização cartográfica deve ser entendida como algo importante no processo de alfabetização do aluno. Essa alfabetização cartográfica significa preparar o aluno não apenas para a leitura, mas também para a construção de mapas. Conforme a autora Elza Passine:

O processo de leitura nada mais é do que a compreensão da linguagem cartográfica, decodificando os significantes através da legenda, utilizando os significantes através da legenda, utilizando cálculos para a reversão da escala, chegando às medida reais do espaço projetado e conseguir a informação do espaço representado, visualizando-o. (PASSINE, 1994, p.26).

CONCLUSÃO

Reconhecendo essa deficiência que os alunos do ensino médio tem com a cartografia, deve-se a sua deficiência formação nas séries anteriores. O PIBID por ser um programa que promove intervenções acerca da geografia, objetiva-se então usar este como auxilio para tentar sanar estas deficiências com o intuito de preparar os alunos para a vida acadêmica e social já que reconhecemos a importância da cartografia também no meio social.

REFERÊNCIAS



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

65

PASSINI, E.Y. Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise crítica. Belo Horizonte, MG: Lê, 1994. p.9-41

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais; Geografia (5ª a 8ª séries). Brasília, MEC/SEF, 1999.

CONCEITO DE LUGAR NO ENSINO MÉDIO, COMO ENSINAR?

Roberta Conceição Oliveira Guimarães¹ Moisés Luiz da Silva Neto² Irenildo Sampaio Guimarães³

¹Geografia, Graduação na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina-BA, e-mail: betaguimaraes@live.com; ²Direito, Graduação na Universidade Católica de Salvador – UCSAL, Salvador – BA, e-mail: mosa_neto@hotmail.com. ³Ciências Contábeis, Universidade norte do Paraná – UNOPAR, Jacobina-BA, e-mail: irenildo_s@hotmail.com.

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Relações Cotidianas; Conceito de lugar; Ensino de geografia.

INTRODUÇÃO

O lugar tem como objeto de estudo o espaço, não o espaço cartesiano, mas o espaço produzido através das relações entre o homem e o meio. Sendo, a expressão da história cotidiana das pessoas da maneira como elas ocupam o espaço, dos usos que fazem dele e a maneira de vivenciá-lo.

O lugar está intimamente ligado ao estar no mundo. No caso da espécie humana, dado o nosso caráter gregário, o estar no mundo tem uma implicação social (...). O reconhecimento de estar e/ou ser no mundo por um outro se cria a medida da definição do lugar de um ser perante outro. Assim é que o lugar define-se a partir de relações sociais entre os seres que estão interagindo, que podem ganhar qualquer qualificativo, como relações culturais, de trabalho, políticas, amorosas, entre outras. (RIBEIRO, 1992-1993, p. 238)

A escola nesse momento é o principal espaço onde, por meio das intencionalidades do professor, pode mostrar o mundo para além da casa, do bairro e da cidade, e que seja apresentado aos alunos de forma que também contribua para ampliar a compreensão desse mundo. A geografia, nesse contexto, ocupa um lugar privilegiado porque é um campo



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

66

científico e disciplinar que possibilita a compreensão da relação entre o mundo vivido do aluno e o mundo distante.

Ressaltando que, a geografia escolar na atualidade assume um papel renovado na construção e aplicação do seu saber. Seu processo obviamente acompanhou a dinâmica espaço/tempo mundial. Os paradigmas decorrentes desse processo seguiram a ordem histórica de cada fase. As transformações sociais dos últimos anos estimularam um olhar crítico antes ausente na ciência geográfica. Utilizar deste novo conceito da geografia no ensino aprendizagem ainda é um complexo trabalho a ser praticado, e que tende a ganhar muitos espaços.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é o conceito de lugar no ensino médio com a construção deste saber a partir da vivência do cotidiano dos alunos. Segundo o autor GILES (1983, p. 27) “Educar é alcançar a pessoa naquilo que lhe é mais específico, no ser humano, isto é, na sua intelectualidade, na sua afetividade, nos seus hábitos, para levá-la à realização de um ideal”. Ao estudar o conceito lugar, estaremos trabalhando o particular, o histórico, o cultural e a identidade, sem desprezar a escala do global e nacional, o ensino de geografia vem se construindo a partir da apreensão do lugar de vivência dos alunos. O aluno parte da realidade a sua volta, sua moradia, sua escola, o trajeto entre casa e escola, sua rua, seu bairro, sua cidade e seu município.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi feita pesquisa em diversos livros de geografia do ensino médio, mas tendo como principal leitura o livro: Martins, Dadá. Bigotto, Francisco. Vitiello, Márcio. Geografia: Sociedade e Cotidiano – Fundamentos. São Paulo, 2010. E leitura de alguns autores da geografia para ampliação do conceito e a construção do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito da categoria lugar, do ensino da geografia, estudado no ensino médio. Teve como objetivo, pesquisar informações de como o professor pode utilizar a realidade, cotidiano dos alunos para a representação deste lugar, que por muitas vezes passa por despercebido sendo um problema comum presente nos livros didáticos que traz de forma superficial este conteúdo e demais a serem trabalhados durante aquele período. Ressaltando que a importância ao trabalhar o conceito lugar, proporciona ao estudante e também ao professor uma análise geográfica sobre os lugares, compreendendo o que ocorre, por exemplo, em uma rua, as relações que nestes podem se desenvolver seja elas de afetividade, agressividade, ou solidariedade, de poder, econômicas ou de outra ordem; descobrindo na rua e mostrando os sujeitos que a fazem e sua relação mais íntima que vai de uma convivência dos sem-teto, o trabalho dos artistas, dos pedreiros, a cantoria desses últimos e, finalmente, o próprio desenvolvimento humano.

CONCLUSÕES



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

67

Para PIAGET, a aquisição do conhecimento deve ser compreendida como um processo de autoconstrução contínua; a gênese do conhecimento é explicada através da função adaptativa dos sujeitos em sua interação com o meio. É importante destacar que trazer a realidade do cotidiano dos alunos para sala de aula é desafiador, porque propõe a evolução conceitual das relações espaciais. E nesse momento para que esses procedimentos tenham resultados na aprendizagem do aluno, o professor precisa trabalhar com o aluno inicialmente o seu espaço de vivência, ou seja, aquele, onde vivencia suas experiências mais significativas, onde existe uma ligação, um vínculo, sendo assim, saber pensar o espaço tem a ver com o significado e o sentido que o professor e aluno atribuem ao saber-aprender Geografia, na escola.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Wagner Costa. **Do lugar ao mundo ou o mundo no lugar?** In: Terra Livre

–AGB, São Paulo, nº11-12, ago.92/ago93

GILES, Thomas Ransom. **Filosofia da Educação**. São Paulo: EPU, 1983.

LUZ, J. L. B. **Jean Piaget e o sujeito do conhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, Epistemologia e Sociedade, 1994.

A INFRAESTRUTURA URBANA DE ILHÉUS: UMA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL E SOCIAL.

Ruy Eduardo Santana Santos⁽¹⁾, Ednice de Oliveira Fontes⁽²⁾, Mauricio Santana Moreau⁽³⁾

¹Graduando em Geografia Bacharelado, Bolsista de Iniciação Científica pelo Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz-Bahia; ²Professora titular do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz-BA; ³Professor titular do Departamento de Ciências agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz – BA.

RESUMO

Palavras-chave: geografia; social; urbana;

INTRODUÇÃO



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

68

A cidade de Ilhéus teve seu surgimento em tempos remotos da história brasileira, desde quando o país era dividido territorialmente através do sistema de capitanias hereditárias, sendo Ilhéus a capital da Capitania de Ilhéus. As capitanias extinguíram-se na década de 1820.

O povoamento da cidade se deu primitivamente com a chegada dos portugueses e a instalação de engenhos que produziam cana-de-açúcar. Depois, foram surgindo outras dinâmicas econômicas no local.

O surgimento das plantações de cacau na região de Ilhéus, favoreceu o enriquecimento de muitos coronéis que possuíam terras na região. A cidade vivia um novo momento histórico, sua arquitetura foi enriquecida com o surgimento de palácios e da Catedral de São Sebastião. Os tempos de glória da região cacauífera duraram até a década de 1980, consequentemente houve o declínio da produção do cacau, devido diversos fatores, entre eles a praga da vassoura de bruxa, deu início a um intenso êxodo rural. A cidade de Ilhéus, assim como a maior parte das cidades brasileiras, crescia sem planejamento e ordenação urbana, consequentemente, com o êxodo rural, verificou-se um aumento nos problemas socioambientais, áreas de mangue e de relevo íngreme passaram a ser ocupadas, propiciando a existência de áreas de risco e ocupações indevidas, exemplo disso são os manguezais que são considerados APP's e quando ocupados agredem diretamente o meio ambiente. Essas áreas foram ocupadas pela população carente que saía do campo em busca de oportunidades na cidade. Mas, verifica-se também que os problemas de infraestrutura urbana de Ilhéus estão relacionados também a outros fatores, inclusive de má gestão pública.

Atualmente, verifica-se que a cidade não possui uma infraestrutura que atenda a todos, há na cidade lugares onde nem a rede de drenagem atende a população, o esgoto divide espaço com as pessoas e os automóveis. Sabe-se que os problemas de infraestrutura são mais visíveis nos bairros mais carentes, mas é presente em todas as classes sociais da população ilheense.

O trabalho tem como objetivo analisar os fatores que contribuíram para a atual infraestrutura urbana da cidade de Ilhéus, consequentemente, demonstrar de forma quantitativa e qualitativa os resultados que se deram a partir de um crescimento urbano acelerado e desordenado.

MATERIAL E MÉTODOS

Através de levantamento bibliográfico, buscou-se entender conceitos sobre geografia urbana, crescimento urbano, desenvolvimento urbano e impactos socioambientais. Após, foram realizados fichamentos com o intuito de entender o processo de urbanização em Ilhéus desde o tempo de Brasil colônia até os dias atuais.

Foi realizada uma visita a prefeitura em busca de planos diretores da cidade mas, só foi disponibilizado o plano diretor municipal participativo de Ilhéus do ano de 2006. No trabalho de campo foi feita análise da paisagem local e registro de fotografias para promover a discussão na elaboração do relatório final.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

69

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Vinhaés (2001) [1], a cidade de Ilhéus que nasceu ainda durante o período colonial, surgiu com obras de infraestrutura urbana, relacionadas ao consumo coletivo, ainda no século passado, especificamente na década de 1920, onde a população Ilheense era de 63.912 habitantes; neste período surgiram as primeiras instalações de redes de água e esgoto, as condições eram satisfatórias para a cidade. Mas, com o aumento da população verificou-se que havia a necessidade de ampliação.

O crescimento incentivado dos anos 30 começou a mostrar a deficiência do sistema, fazendo com que o então prefeito, Eusínio Lavigne, convidasse a Darin & Gonçalves para projetar o Plano Regulador da Cidade, visando à ampliação e renovação do saneamento da cidade. (Vinhaés, 2001, p. 237) [1]

Assim, por consequência da implantação do Plano Regulador da Cidade, além dos serviços de consumo coletivo, surgiram em Ilhéus avenidas e ruas, possibilitando a existência de novas áreas de ocupação, mas o plano não foi completado por falta de verba.

Hoje, na cidade, o sistema de abastecimento de água é feito pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento- EMBASA. Segundo dados do IBGE (2010) [2], a EMBASA atende a 80% do município através da rede geral, sendo que nos lugares onde não chega a rede geral, o abastecimento se dá através de caminhões pipas, poços presentes nas moradias e outras formas improvisadas pela população.

Na década de 1950, a cidade por ter aumentado a população e consequentemente o consumo de energia elétrica, passou a sofrer deficiências infaustas, a cidade teve que instituir o sistema de rodízios, a cada dia um setor da cidade ficava às escuras, esses problemas foram resolvidos com o surgimento de novas barragens e hidrelétricas. Atualmente a empresa responsável pela energia elétrica em Ilhéus é a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia- COELBA, na década de 2000 o carregamento era de 80% e suspeitava-se que havia a necessidade de ampliação do sistema.

Segundo (Andrade, 2003) [3], a cidade se expandiu nos anos de 1940 e 1960, ocupando todos os espaços vazios nas zonas mais centrais da cidade. Na década de 1960 a 1970, ocorreu a ocupação dos mangues da Av. Princesa Isabel e Esperança. Entre 1980 a 1990, passou a ocorrer aterros nos manguezais, surgiu assim o bairro Teotônio Vilela, a rua da Palha e Vila Nazaré, sendo essas áreas chamadas de favelas de mangue. Em Ilhéus, por ser uma cidade litorânea, as áreas de manguezais vem sendo incorporadas ao tecido urbano, principalmente por meio de aterros realizados pela população de baixa renda como forma de equacionar seu problema de moradia. (Franco, 2011) [4]

O crescimento da cidade de Ilhéus na segunda metade do século passado foi explosivo, por consequência do surgimento do êxodo rural devido a crise sofrida pela queda do cacau, como também devido a chegada de pessoas que vinham de outros lugares em busca de melhoria de vida. Nesta fase, o crescimento da cidade foi bastante visível.

A cidade cresce em cinco direções, em razão do tipo de relevo existente: a) pelas encostas dos morros de solo argiloso e sujeitos a



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

70

frequentes deslizamentos de terra nos períodos chuvosos; b) através do entulhamento do mangue, o que causa sérios prejuízos ao ecossistema; c) seguindo a rodovia Ilhéus-Buerarema; e) seguindo a linha da costa do litoral norte, com loteamentos para veraneio. (Andrade, 2003 p.42) [3]

Os impactos ambientais não se limitam a população carente, o trecho da rodovia Ilhéus-Olivença, passou a ter uma nova configuração na paisagem, surgiram os loteamentos, a partir daí, houve uma diminuição da vegetação e o solo passou a ficar exposto, propiciando a ocorrência de erosão em locais onde há declividade no morro. De acordo com Andrade (2003) [3], os problemas de ocupação urbana em Ilhéus, foram acentuados devido ao aumento da população urbana de 4,9% ao ano, entre os anos de 1988 e 1996 (Figura 1), assim, ocorreu um agravamento do ponto de vista social, expandiu-se as moradias precárias, a marginalidade, o desemprego, entre outros fatores.

Segundo Bitoun (2004) [5], a população carente é a que está mais sujeita a riscos urbanos. A população carente passa a ocupar os espaços que estão disponíveis, em sua maioria, sem ajuda de prefeituras, assim, surgiu uma transformação no espaço, um novo uso do solo em lugares inapropriados (Figura 2).

Atualmente, verifica-se na cidade o anúncio de grandes empreendimentos e de novos condomínios que vem transfigurando a paisagem, transformando espaços que anteriormente eram públicos em espaços privados, colaborando assim para a segregação social.

Os guetos e enclaves são a síntese dessas cidades fragmentadas, nas quais é difícil manter os princípios básicos de livre circulação e da abertura de espaços públicos. Conformam-se tanto na territorialização de comunidades organizadas e/ou cercadas em ocupações de baixa renda, quanto na fortificação dos condomínios intramuros, comerciais, residenciais ou de lazer, como possibilidade de apartação de classes. (MOURA, 2004, p. 154)[6]

São diversas as problemáticas urbanas enfrentadas por Ilhéus nas últimas décadas, há um constante crescimento urbano, novas dinâmicas espaciais e poucos investimentos por parte do poder público com o intuito em erradicar os problemas ambientais e sociais. Possibilitando assim a formação de uma sociedade cada vez mais desacredita na melhora do espaço urbano.

CONCLUSÕES

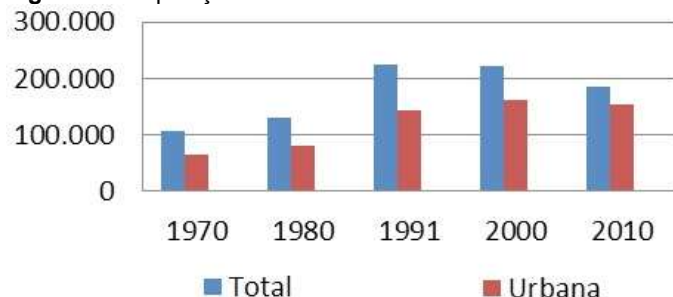
Verifica-se que os problemas de Infraestrutura Urbana de Ilhéus são alarmantes e carecem de maior atenção por parte do poder público. A Infraestrutura Urbana atual tem causado um caos urbano que tem nas suas bases os maiores problemas, em que as necessidades básicas de sobrevivência não vem sendo atendidas, favorecendo assim a presença de uma população com baixa expectativa de vida. Sugere-se assim, um planejamento urbano cada vez mais interdisciplinar e com participação da sociedade, para assim contribuir para o aumento da justiça social, do desenvolvimento humano e urbano.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

71

Figura 1 – População Total e Urbana – Ilhéus



Fonte: IBGE, 1970 a 2010

Figura 2 – Moradias sobre aterro no manguezal. Bairro Teotônio Vilela – Ilhéus /BA.



Fonte: Pesquisa de Campo. Julho de 2012.

REFERÊNCIAS

Vinhaés, J. C. **São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao fim do século XX**; Editus, 2001. 352 p.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Senso 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#download Acesso em: Janeiro de 2012.

ANDRADE, M.P. **Ilhéus: Passado e Presente**. Ilhéus: Editus, 2003. p.144 2. ed.

FRANCO, G. B. et al. **Delimitação de área protegida permanente e identificação de conflito com o uso do solo urbano em Ilhéus – BA**. *Caminhos de Geografia*, v. 12, n. 37, p. 31-43, março. 2011.

Bitoun, Jan. **Impactos socioambientais e desigualdade social: vivências diferenciadas frente à mediocridade das condições de infra-estrutura da cidade brasileira: o exemplo de Recife**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004, v. , p. 255-270

MOURA, R. . **Políticas públicas urbanas: ausências e impactos**. In: **MENDONÇA, Francisco. (Org.). Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004, v. , p. 149-169.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

72

CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL: ENTRE DISPUTAS E AÇÕES NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Taíse dos Santos Alves¹

¹Licenciada em Geografia, Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA. taisealves85@gmail.com.

RESUMO

Palavras-Chaves: Cartografia da ação social, Ensino, Geografia.

ENTRE USOS E (DES)USOS DA CARTOGRAFIA: INTRODUÇÃO

O mapa sempre foi usado pelo homem como ferramenta de orientação, localização numa comunicação constante com o espaço. Talvez essa potencialidade evidencie seu uso recorrente na ciência Geografia, já que o mesmo representa e decodifica os fenômenos que ocorrem no espaço. Para Oliveira (2007) o mapa ocupa um lugar de destaque na Geografia já que é um instrumento de trabalho, registro e armazenamento de informação além de ser uma expressão e comunicação que o torna uma linguagem. Nesse tocante concordo com Brito e Hetkowski (2009) a qual afirmam que a cartografia extrapola suas funções técnicas e contribui no sentido da compreensão do espaço geográfico, possibilitando ao indivíduo (o leitor do mapa) a percepção e o entendimento acerca do "mundo" em que vive. Sobretudo, mesmo reconhecendo as potencialidades da cartografia nas análises geográficas essa ferramenta na sala de aula encontra-se num enigma pedagógico. Pode considerar enfadonho o fato de constatar que há um problema de formação do professor de Geografia para ministrar esse conteúdo na sala de aula (Souza e Katuta, 2008) já que estes professores carregam um desconhecimento do mapa, reduzindo seu uso apenas para localizar lugares sem uma abordagem mais específica e reflexiva. Nesse sentido a proposta desta pesquisa é fazer uma abordagem reflexivo-crítica na aplicação prática do mapa como linguagem no processo de ensino e aprendizagem em Geografia nos espaços formais e não formais de educação, e para isso este estudo dará destaque a metodologia do uso das cartografias participativas a exemplo da cartografia da ação social no processo educativo. A mesma vem ganhando destaque nos movimentos sociais e debates no campo cartográfico, nas quais envolvem relações de poder na esfera da reprodução espacial.

MATERIAIS E MÉTODOS



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

73

A pesquisa aqui empreendida é uma revisão de literatura sobre metodologias do ensino - aprendizagem da cartografia a partir do uso das cartografias participativas. Uma abordagem bibliográfica em documentos científicos, tais como: livros, periódicos e artigos. Fundamentada nas análises e discussões dos autores ALMEIDA (2011), BRITO e HETKOWSKI (2009), OLIVEIRA (2007), RIBEIRO (2011) SANTOS (2012) e SILVA (2010).

CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO: TRANSITANDO PARA ALÉM DA FORMALIDADE

Para que de fato é usado o mapa? E porque esse recurso vem se tornando uma linguagem essencial na contemporaneidade? É inegável que nas últimas décadas a cartografia vem se destacado como uma linguagem visual necessária, principalmente com a crescente demanda das tecnologias sobretudo o uso do georeferenciamento. Essa “revolução” ocorre a partir da década de 1980 com a microinformática acompanhada com a *internet*. Esta ação proporcionou a cartografia uma popularização já que os mapas tem disponibilidade gratuita na rede com imagens de satélite, dados, cartas ambos georeferenciados.

Dessa forma a produção e acesso cartográfico trouxe entre outras finalidades a inclusão dos diferentes grupos sociais. Sua utilização tornou-se ferramenta estratégica nas disputas pelo território e com isso podemos perceber que a finalidade do mapa também perpassa pela abordagem colaborativa dando oportunidade de grupos sociais excluídos se auto cartografar. Nesse sentido conhecer, ler e interpretar mapas se configura em entender a dinâmica social e geográfica que formam os diferentes espaços, além do desdobramentos dos diferentes grupos sociais. Por isso essa representação é tão importante na ciência Geográfica e mais especificamente a cartografia da ação social tem como intenção transcrever a valorização do espaço, ou seja “a experiência social, traçar realmente a transformação do território em território usado, território praticado, território experienciado” (Ribeiro, 2011, p.12). O uso desta metodologia pelas comunidades tradicionais tenta transcrever seu espaço a partir de suas demandas entre elas lutas e conflitos tanto no espaço rural quanto urbano. Desse modo, a cartografia da ação social no processo educativo além de ser um instrumento de mobilização contribui na reafirmação de identidades coletivas, já que perpassa pela percepção do espaço vivo e praticado (Lefebvre, 1976), pelos sujeitos envolvidos e “provocar” uma posição política que sustenta suas identidades, materializa as relações sociais e busca entender suas histórias. Existem vários grupos em todo o mundo que vem utilizando do mapeamento participativo como instrumento pedagógico, entre eles o, Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, o grupo Iconoclastas (Laboratório de Comunicacion y Recursos Contrahegemonicos de Libre Circulacion, da Argentina), a articulação Transacciones Fadaiat (liderada pelo grupo Hackitectura, da Espanha), os mapeamentos de casas de religiões de matriz afro-brasileira no Rio de Janeiro e em Salvador, os mapeamentos indígenas como subsídios a políticas públicas do Instituto del Bien Comum (no Peru) (SANTOS, 2012, p.02).

Um exemplo deste mapeamento na sala de aula em espaços formais de educação foi o trabalho realizado pelos pesquisadores do Lauro/UFRJ: Territórios da juventude: experiências em cartografia da ação (São Gonçalo, RJ). A investigação tencionou-se na juventude evidenciando suas condições de vida e anseios relacionados à apropriação do espaço urbano. Para conseguir os dados a proposta foi necessária uma articulação com a metodologia da cartografia ação na qual participaram das atividades cerca de 28 estudantes entre 11-14 anos. Os estudantes produziram alguns mapas que evidenciavam seu cotidiano além de seus desejos para seu bairro/cidade.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

74

Já em espaços não formais de educação (escolas agrícolas, assentamentos associações, comunidades tradicionais e dentre outros) o mapeamento participativo tem como foco atender o chamado dos sujeitos, reconhecer e manifesta sobre o espaço em que vivem. Nesse processo, as comunidades, de forma empírica e fundamentada na vivência cotidiana do território, elaboram mapas e desenhos representando o meio físico e social em que vivem (MILAGRES et al., 2010).

PARA NÃO CONCLUIR...

As discussões aqui explicitadas revelam que a cartografia tem se destacado numa esfera político e social significativa que traduz as complexidades das ações sociais que o homem realiza no espaço e por esse cunho de representação o mapa vem sendo um instrumento de lutas dos movimentos sociais. A cartografia da ação social tem como meta possibilita “leituras de mundo” por isso sua dimensão educativa traduz a importância da coletividade, feitas por diferentes mãos o mapa ganha esse caráter participativo já que seu objetivo não se restringe apenas na finalidade de autocartografar, mas também perpassa pela produção coletiva dos diferentes sujeitos e grupos sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola*. Contexto, São Paulo, 2001.
- BRITO, F. J. O.; HETKOWSKI, T. M. *A linguagem cartográfica - Discussão e contemporaneidade*. In: 4ª Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação, 2009, Salvador. Anais do 4ª INTERCULTE. Salvador: UNIJORGE, 2009.
- FREIRE, N. C. F.; FERNANDES, A. C. A. *Mapas como Expressão de Poder e Legitimação sobre o Território: uma Breve Evolução Histórica da Cartografia como Objeto de Interesse*. In: Anais III Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação. Recife: UFPE, 2010. v. 1.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- MILAGRES, Cleiton Silva Ferreira; FERREIRA NETO, José Ambrósio; SOUSA, Diego Neves. *O Uso dos Sistemas de Informação Geográfica Participativos (Pgis's) na Representação Territorial de Comunidades*. In: Anais Congresso ALASRU, Recife, PE, 2010b.
- OLIVEIRA, Livia de. *Estudo metodológico e cognitivo do mapa*. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Cartografia Escolar*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-41.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres; SILVA, C. A. *Cartografia da Ação e a Juventude na cidade*. In: Ana Clara Torres Ribeiro, Cátia Antônia da Silva, Andreino Campos. (Org.). *Cartografia da ação e movimentos da sociedade: desafios das experiências urbanas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

75

_____. *Cartografia da ação social, região latino-americana e novo desenvolvimento urbano*. Le Monde Diplomatique, Brasil, v. 24, 25 jul. 2009.

_____. *Cartografia da Ação: leituras do espaço e representações sociais*. In: XIII ENAnpur. Planejamento e gestão do território. Escalas, conflitos e incertezas, Florianópolis, 2009.

SILVA, C. A.; SCHIPPER, I. *Cartografia da ação social: Reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade*. Revista Tamoios (Online), v. 8, p. 20 – 2012.

SOUZA, J. G.; KATUTA, A. M. *Geografia e conhecimentos cartográficos: a cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas*. São Paulo: Unesp. 2001.

AULA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DE ENSINO EM GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Wellington Santana de Andrade ⁽¹⁾, Vilmaria Sousa Silva ⁽²⁾, Luciele Avelino de Queiroz ⁽³⁾,
Marize Damiana Moura Batista e Batista ⁽⁴⁾

¹Estudante de graduação do curso de Licenciatura em Geografia e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) Capes/UNEB - Universidade do Estado da Bahia- Campus XI/Serrinha-BA; ² Estudante de graduação do curso de Licenciatura em Geografia e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) Capes/UNEB - Universidade do Estado da Bahia- Campus XI/Serrinha; ³ Estudante de graduação do curso de Licenciatura em Geografia e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) Capes/UNEB - Universidade do Estado da Bahia- Campus XI/Serrinha; Professora de Prática de ensino e Estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia da UNEB, Campus XI/Serrinha, Coordenadora local do PIBID de Geografia.

RESUMO

PALAVRAS- CHAVE: Teoria; Prática; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A aula de campo caracteriza-se como um importante instrumento de trabalho do professor, principalmente de Geografia, pois possibilita relacionar teoria e prática, a partir de ações em que os educandos conseguem entender melhor os conteúdos geográficos. Neste contexto, é preciso refletir: Qual a importância da aula de campo para o ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos?



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

76

Esta pergunta precisa ser refletida por nós, enquanto estudantes de licenciatura em processo de formação, considerando que estamos atuando como pesquisadores bolsistas do PIBID/ UNEB- Campus XI, em uma escola pública da rede estadual baiana.

Nessa perspectiva o referente trabalho, tem como principal objetivo refletir de que forma a aula de campo pode contribuir para o ensino-aprendizagem em Geografia, tendo em vista que este ainda permanece com raízes tradicionais e distantes das realidades dos estudantes, na medida em que esta atividade permite relacionar a teoria com a prática, contextualizando o saber geográfico com a realidade dos discentes, tornando o ensino-aprendizagem em Geografia mais significativo.

MATERIAL E MÉTODOS

Desenvolveremos nosso trabalho a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, sendo que Oliveira (2001, p. 117), argumenta que esse tipo de abordagem traz a facilidade de analisar a complexidade de um determinado problema ao,

[...] compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições dos processos de mudança ou formação de opiniões de determinados grupos e permitir a interpretação em maior grau de profundidade, a interpretação da particularidade dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2001, p. 117).

Dessa forma, entendendo ser a abordagem qualitativa um coerente caminho para alcançar o objetivo principal exposto no referente trabalho, destaca-se que este situou-se em três momentos: pesquisa bibliográfica e documental, experiência realizada com os estudantes, permitindo coletar os dados empíricos e por fim a análise dos dados obtidos em campo.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A aula de campo aparece como um importante método de oportunizar o aluno a construção de sua própria aprendizagem, a partir da mediação do professor. A proposta parte do pressuposto de levar o educando diretamente ao campo, sem perder de vista o conhecimento prévio, reforçado com a observação e entendimento direto com a realidade. Dessa forma TOMITA, 1992 afirma que: “[...] É, no trato direto do trabalho de campo que o aluno fará o aprendizado e passará a entender as contradições e o processo de apropriação da natureza, entendendo o porquê da dinâmica que ocorre no espaço [...]”

Assim, no momento em que se levam para a sala de aula, novos métodos de se conceber o ensino e conseqüentemente a aprendizagem, superando o velho modelo tradicional, provoca no estudante um maior interesse na disciplina, transformando o momento da aprendizagem que por vezes, para os estudantes aparece como sacrifício, em situações agradáveis e produtivas.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

77

A priori, foi feito um pré-campo, na qual fomos ao local que seria realizado a aula, sendo que nos dirigimos para a Estação Ferroviária e Açude Bomba para visualizarmos melhor o local que aconteceria a explanação da aula de campo, logo após passamos para os discentes as instruções para o dia da atividade. Feito isso a atividade ocorreu normalmente na data supracitada, com uma total aceitação dos discentes. Foi notável a alegria em seus rostos no dia que foi marcada a atividade e nos locais que estavam sendo realizadas as explanações das aulas, pois estavam prestativos e curiosos para aprender sobre o espaço observado. Como pode ser observado na fala abaixo, quando o estudante diz,

“[...] fiquei parado aí velho, nessa viagem da estação com a ocupação da cidade, é por isso que tem um monte de casas antigas aqui nessa área” [estudante], outro colega dele ainda completa dizendo: “é velho, uma viagem dessa era pra ter direito, porque aí a gente consegue ver o que a professora está falando né não?”.

Sobre esta questão Farina & Guardanin, (2007, p.111) menciona que, “Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo” (FARINA & GUARDANIN, 2007, p.111).

Para esta aula utilizamos como principal categoria de análise geográfica a paisagem, pois esta seria necessária para abarcar nossas discussões e tornar mais fácil a compreensão dos discentes.

Quando questionados sobre o que aprenderam na aula de campo, os alunos colocaram: “olhar para as coisas com um olhar crítico”; “[...] é necessário que a população tome providências porque a sociedade junto pode fazer muito pelo ambiente”; “que o surgimento de Serrinha foi depois da implantação da ferrovia”. É perceptível através das falas dos discentes, que a atividade de campo possibilitou-os a ter um olhar mais crítico, habilitando essa proporcionada de forma prática, a partir das observações e análises das diferentes paisagens, que em sua grande maioria são transformadas pelo homem.

CONCLUSÕES

Por fim, a aula de campo como instrumento metodológico acomoda diversos elementos favorecedores ao desenvolvimento do conhecimento geográfico que dificilmente seriam encontrados em aulas meramente teóricas explicadas em sala de aula cercadas por quatro paredes, vindo assim a contribuir na ampliação do conhecimento geográfico e no interesse do aluno por esta disciplina escolar, tornando-a mais concreta, dinâmica e descontraída.

REFERÊNCIAS

FARINA, Bárbara Cristina; GUARDAGNIN, Fábio. **Atividades práticas como elemento de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática.** In: REGO, Nelson.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

78

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratando de Metodologia Científica**: Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. São Paulo: Pioneira, 2001.

TOMITA, Luzia M. Saito. **Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia**. Geografia, Londrina, v,8, n, 1, p.14-35. 1999.

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO: SITE DE GEOCIÊNCIA, JACOBINA E REGIÕES, BAHIA.

Yiolanda Fagundes Melo¹; Paulo Cesar D'Ávila Fernandes².

¹Graduanda Licenciatura Plena em Geografia Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV fagundesgeo2008@gmail.com; ²Professor assistente e orientador do curso de Geografia– Campus IV – UNEB.

RESUMO

Palavras-chave: Geografia. Meio ambiente. Paisagem.

INTRODUÇÃO

A elaboração do espaço virtual surge mediante aos resultados das pesquisas de Souza (2009) e Pereira (2009), destinado a investigar o ensino e aprendizagem de geociências/geografia física em Jacobina, Bahia. Segundo Souza (2009) os alunos não conseguem identificar os aspectos mais básicos da paisagem da qual fazem parte, ou muito menos entendem a sua dinâmica e o resultado da ação antrópica na mesma. Já a pesquisa de Pereira, (2009) destaca informações pertinentes aos professores, onde os mesmos declaram estar pouco preparados para lidar com esses assuntos, atribuindo essa condição tanto a uma formação acadêmica deficiente, como também à inexistência de material didático e de consulta para seja possível trabalhar os aspectos relativos à paisagem local.

Contudo, este conhecimento existe, embora não venha sendo explorado, devido principalmente ao fato de se encontrar disperso e em mídias de difícil acesso e/ou em diversas instituições e publicações não disponíveis para os professores e alunos de Jacobina e região. Logo, o objetivo é a elaboração de um espaço virtual contendo um banco de dados, feitos através de pesquisas, abordando diferentes discussões acerca dos elementos da paisagem das serras de Jacobina e regiões adjacentes. A fim de permitir aos professores e alunos/pesquisadores um acervo onde possam interpretar e analisar criticamente o local na intenção de que se construa uma concepção real do lugar em que vive.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

79

MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração deste website os procedimentos metodológicos adotados foram a realização de pesquisas e revisão bibliográficas de materiais impressos e em meio digital que contivessem dados sobre as geociências do município de Jacobina e regiões vizinhas, especialmente aqueles que pudessem ser utilizados como fontes de informação para o ensino de geografia e ciências no ensino básico.

Esses dados foram organizados em tabelas de acordo com os geossistemas (BERTRAND, 1972) reconhecidos pelos trabalhos da CPE/SEPLANTEC (1981), realizados sob a coordenação técnica do geógrafo Carlos Augusto Monteiro na região central da Bahia, por entendermos que o referencial teórico/metodológico geossistêmico é uma importante ferramenta para o estudo das paisagens. Desta forma, foi planejado e alimentado o *website* no espaço virtual da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção do *website* (<http://www.uneb.br/geocienciasjacobina>) concebe em diferentes seções listadas na **Tabela 1**. Em cada seção, uma apresentação inicial com uma descrição sumária de cada material.

Tabela 1: Seções do *website*

APRESENTAÇÃO	OBJETIVOS DO SITE
Equipe	Apresentação da equipe de trabalho
Geossistema: um referencial útil no ensino e para o exercício da cidadania	Definição de geossistema e sua relevância no ensino da geografia (MELO, 2012).
Geossistemas da Região Centro-Oriental da Bahia	Estudo do meio ambiente da Chapada Diamantina e regiões adjacentes, com o fim de direcionar a ocupação do espaço na Chapada e regiões adjacentes. Esse trabalho contém os dados da iniciativa pioneira da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia - SEPLANTEC/CPE, (1981), sob coordenação e consultoria do Professor Carlos Augusto Monteiro, que continua válido.
Geossistemas do Município de Jacobina	O município de Jacobina apresenta expressiva heterogeneidade de paisagens naturais, sendo esta diversidade controlada/determinada pela geologia regional. Esta diversidade, em curtas distâncias, instiga, proporciona e/ou justifica a existência de diversos estudos sobre a paisagem do município de Jacobina. Destaca-se o trabalho de Pinheiro (2004), que reinterpreta os dados do Projeto RADAMBRASIL (BRASIL, 1983), bem como, aqueles de Novais (2009), Rios (2011), Reis (2011), Barbosa (2008), dentre outros.
O Pediplano Sertanejo e os Tabuleiros Interiores	Em construção, sendo uma das unidades de paisagem menos estudadas.
As Serras residuais, planaltos	São apresentados dados referentes às Serras de Jacobina, onde o relevo movimentado gera uma grande diversidade de paisagens em diferentes



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

80

APRESENTAÇÃO	OBJETIVOS DO SITE
graníticos e depressões marginais associadas à Serra de Jacobina	escalas (geofácies, geótopos), havendo diversos estudos sobre o Parque Estadual de Sete Passagens, cujo Plano de Manejo é uma importante referência, e sobre a zona de amortecimento do mesmo (MARQUES E COUTINHO, 2008) e ambientes relacionados (CARMO E DIAS, 2008)
Chapada Diamantina Setentrional, Bacia de Irecê e demais Planaltos Cársticos	Diversos estudos sobre os recursos hídricos superficiais (MACHADO, 2009; NETO e FALCÃO, 2009; ABREU, 2009); e subterrâneos (SOUZA, 2008); (DIAS NETO e MAIA, 2009); (BELITARDO, 2010). Contém ainda estudos referentes às paisagens cársticas (ALVES, 2008) assim como, relacionados a Sítios geológicos (PEDREIRA E ROCHA, 2002), e Sítios arqueológicos (BARBOSA, 2008; COSTA, 2010; MELO); paleontológicos (OLIVEIRA, 2010; SRIVASTAVA e ROCHA, 1999) e trabalhos pioneiros de John Casper Branner e Orville Derby elaborados em 1910 e traduzidos em 1977.

Desta forma, o espaço virtual torna disponível materiais escritos, mapas e imagens referentes ao estudo de geografia, especialmente da geografia física (e de outras ciências), das regiões próximas a Jacobina, incluindo a Chapada Diamantina Setentrional, a Serra de Jacobina e as regiões adjacentes. Assim como, textos históricos, relatos de viajantes, textos técnico-científicos em periódicos especializados, relatórios inéditos e anuais de eventos científicos, bem como trabalhos acadêmicos (monografias de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado), materiais estes que se encontravam ainda dispersos, em locais de difícil acesso e com poucas condições de serem utilizados.

CONCLUSÕES

Enfim, que este espaço/acervo sirva como instrumento metodológico de análises, referentes à Geociência, através do (re) conhecimento espacial e cartográfico na condução de uma perspectiva geográfica local, uma vez que, possibilite dialogar simultaneamente com o global e local e respectivamente com a teoria e a prática produzindo assim conhecimentos, saberes e experiências que venham contribuir na formação da identidade do indivíduo/cidadão. Bem como transformar o espaço em território.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Eliã Siméia Martins dos Santos, **Por uma geografia cidadã; estudos e projetos no ensino de geografia**. Salvador, EdUNEB, 2004.
- BAUTISTA, H. P.; ORTIZ, S.; RODRÍGUEZ-OUBIÑA, J. . **Acritopappus diamantinicus (Asteraceae, Eupatorieae), a new species from Chapada Diamantina, Bahia, Brazil**. Nordic Journal of Botany , Copenhagen, v. 20, n. 2, p. 173-177, 2000.
- BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. *Caderno de Ciências da Terra*, São Paulo, Instituto de Geografia, 13, 1972.



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

81

BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Geografia. Brasília: MEC, 1998.

CARMO, E. R. do, DIAS, M. A. **Percepções da comunidade acerca do gerenciamento da Lagoa de Canabrava (Miguel Calmon, Bahia)**. 2008. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, inédito.

COUTINHO, J. B., MARQUES, D. da S. **A zona de amortecimento do Parque Estadual de Sete Passagens (Miguel Calmon)**: Gerenciamento e Educação Ambiental. 2008. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, inédito.

CPE/SEPLANTEC. **A compatibilização dos usos do solo e a qualidade ambiental na região central da Bahia**. Recursos Naturais 5. Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, Centro de Planejamento e Estudos. Salvador, CPE, 1981.

FERNANDES, P. C. D., ARAUJO, M. Z. M. F. **Locais Favoráveis à Implantação de Aterros Sanitários em Jacobina** In: Seminário de Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia, 2000, Salvador. Boletim de Resumos do Seminário de Pesquisa da UNEB. Salvador: Editora da UNEB, 2000. p.121 - 121

FERREIRA NETO, P.G. **Análise ambiental do Riacho Canabrava (Miguel Calmon, Bahia) no entorno do parque Estadual de Sete Passagens**. 2009. Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade do Estado da Bahia, inédito.

FRAGA, A. de O. **Serrarias de Mármore Bege Bahia em Jacobina: impactos ambientais**. 2008. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, inédito.

FREITAS, A. M. A., SOUZA JUNIOR, M. F. E., RIOS, M. L., FERNANDES, P. C. D. **Caracterização Geoambiental da Bacia do Rio Itapicuru-Mirim a Montante de Pedras Altas** In: V Jornada de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia, 2001, Salvador. Boletim de Resumos da V Jornada de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2001. p.127 – 127

PAIVA, E. M. C. D; PAIVA, J. B. D. de. **Hidrologia aplicada à gestão de pequenas bacias hidrográficas**. Porto Alegre, ABRH 2001

PEREIRA, L.S. **Ensino de geociências em Jacobina**. Jornada de Iniciação Científica da UNEB, CD-ROM de resumos, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo: Razão e Emoção**. Terceira Edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA JUNIOR, M. F. E., FREITAS, A. M. A., RIOS, M. L., FERNANDES, P. C. D. **Diagnóstico Ambiental da Bacia do Riacho da Bananeira, Jacobina** In: V Jornada de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia, 2001, Salvador. Boletim de Resumos da V Jornada de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: Editora da UNEB, 2001. p.126 – 126



SEMAGEO UNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

82

SOUZA, G. G. de . **Aprendizagem de geociências e geografia física nas escolas de Jacobina.** Jornada de Iniciação Científica da UNEB, CD-ROM de resumos, 2009.

TÍNEL, J.C. **Diagnóstico socioambiental do Rio Itapicuru-Mirim na zona urbana de Jacobina, Bahia.** 2008. Monografia de Conclusão, Curso de Especialização em Análise Ambiental, Universidade do Estado da Bahia, campus IV, Jacobina, Inédito.

TRICART, J. **Ecodinâmica.** Rio de Janeiro, IBGE, 1977.



SEMAGEOUNEBC4
XI SEMANA DE GEOGRAFIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCH IV - UNEB
“Os múltiplos olhares sobre a dinâmica espacial”
04 a 07 de junho de 2013

83

PROJETO DO EVENTO